

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Programa de Pós-graduação de Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura
e Sociedade (CPDA)



Relatório com as principais notícias divulgadas pela mídia relacionadas com a
agricultura

Área Temática: Agronegócio.

Período de Análise: 01/12/2016 a 31/12/2016

Mídias analisadas:

Jornal Valor Econômico
Jornal O Globo
Jornal Estado de São Paulo
Sítio eletrônico do MDS
Sítio eletrônico do MDA
Sítio eletrônico do INCRA
Sítio eletrônico do MAPA
Sítio eletrônico da Agência Carta Maior
Sítio Eletrônico da Fetraf
Sítio Eletrônico da MST
Sítio Eletrônico da Contag
Sítio Eletrônico da CNA
Site Eletrônico da ABAG
Carta Capital

Estagiária: Ananda da Silveira

Índice:

Agronegócio sente crise e perde empregos, produção e receita. Site da ABAG, 02/12/2016.....	4
Renda agropecuária deve atingir R\$ 26,1 bilhões em 2017, prevê Sistema FAMASUL. Site do CNA, 02/12/2016.	6
Mapa fortalecerá programa voltado à produção integrada e ao cooperativismo agropecuário. Site do MAPA, 05/12/2016.	7
Abiove reduz estimativa para produção de soja em 2016. Camila Souza Ramos. Valor Econômico, 05/12/2016.....	9
Apex escolhe o agronegócio para promoção do Brasil no exterior em 2017. Camila Souza Ramos. Valor Econômico, 06/12/2016.....	9
Agropecuária supera obstáculos e segue liderando a economia brasileira em 2016. Site do CNA, 06/12/2016.	10
PIB do Agronegócio deve crescer 2% em 2017. Site do CNA, 06/12/2016.....	12
Nova estimativa indica safra de milho em 25 milhões de toneladas em MT. Site da ABAG, 06/12/2016.....	13
15 principais produtos do agronegócio respondem por 38% das exportações do país. Site do CNA, 07/12/2016.	15
PIB do campo crescerá até 3%, diz CNA. Cristiano Zaia. Valor Econômico, 07/12/2016.....	16
Açúcar é destaque das exportações do agronegócio em novembro. Site do MAPA, 07/12/2016.....	17
Valor da produção em SP deve aumentar 21%. Fernando Lopes. Valor Econômico, 08/12/2016.....	18
Geller discute com setor produtivo propostas para o próximo Plano Agrícola e Pecuário. Site do MAPA, 08/12/2016	19
Conab eleva estimativa para produção de grãos a 213 milhões de ton. Kauanna Navarro, Camila Souza Ramos e Bettina Barros. Valor Econômico, 08/12/2016.	20
Safra 2016/17 de grãos deve chegar a 213 milhões de toneladas. Site do MAPA, 08/12/2016.....	21
Receita das cooperativas agropecuárias do PR superará R\$ 70 bi em 2016. Fernando Lopes. Valor Econômico, 09/12/2016.....	22
Plano Agrícola e Pecuário. Site do MAPA, 09/12/2016.....	22
Cresce a área plantada com transgênicos na safra atual. Valor Econômico, 12/12/2016.....	23
Safra de laranja de SP e MG é revista para baixo. Cleyton Vilarino. Valor Econômico, 12/12/2016.....	24

As pistas estão no agronegócio. Estadão, 12/12/2016.....	25
Exportação de soja renderá mais em 2017. Fernando Lopes. Valor Econômico, 15/12/2016.....	26
CNA defende fortalecer classe média rural do país. Site do CNA, 15/12/2016.	28
PIB do Agronegócio cresceu 4% de janeiro a setembro de 2016. Site do CNA, 16/12/2016.....	29
As pistas estão no agronegócio. Site da ABAG, 16/12/2016.....	30
CENÁRIOS-Recuperação das lavouras deve garantir boa performance do agronegócio em 2017. Site da ABAG, 16/12/2016.....	31
Crescem os desembolsos de crédito rural. Cristiano Zaia. Valor Econômico, 19/12/2016.....	34
Produção de cana deverá ter aumento de 4,4% em relação à safra passada - ATUALIZADA ÀS 12:22. Site da CONAB, 20/12/2016.....	35
Safra de cana-de-açúcar deve aumentar 4,4%. Site do MAPA, 20/12/2016.	36
Mapa negocia recursos externos para fortalecer defesa agropecuária. Site do MAPA, 20/12/2016.....	37
Bancos poderão direcionar LCA a investimento rural com taxa de 12,75%. Cristiano Zaia. Valor Econômico, 21/12/2016.	38
Safra de café fecha o ano com produção recorde de 51,37 milhões de sacas. Site da CONAB, 22/12/2016.....	39
Conab libera calendário dos levantamentos de safras de 2017. Site da CONAB, 22/12/2016.....	40
2016, o ano da ampliação de mercados para o agronegócio brasileiro. Site do MAPA, 23/12/2016.....	40
Governo libera R\$ 100 milhões do seguro rural. Site do MAPA, 26/12/2016.....	44
RORAIMA: Conab comercializa 2,43 mil toneladas de milho em 2016. Site da CONAB, 28/12/2016.....	45
Governo liberou mais de R\$ 51 bilhões em crédito rural em 2016. Site do MAPA, 29/12/2016.....	46
Após três anos, importações devem voltar a subir em 2017. Estadão, 31/12/2016. .	48

Agronegócio sente crise e perde empregos, produção e receita. Site da ABAG, 02/12/2016.

Único setor que cresceu em 2015, agropecuária registrou queda de 1,4% no PIB do terceiro trimestre deste ano, acima da retração de indústria e serviços

Se em 2015 o agronegócio ajudou a evitar um tombo ainda maior da economia brasileira, neste ano ele engrossa os dados negativos do PIB. Pela segunda vez em 20 anos, o setor acumula três trimestres seguidos de retração e perdeu vagas de trabalho, influenciado pela queda das produções de culturas como milho, algodão, laranja e cana-de-açúcar.

A agricultura recuou 6,9% no terceiro trimestre de 2016 frente ao mesmo período do ano passado, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) sobre o PIB, anunciados nesta quarta-feira (30). Foi o maior tombo para o período desde o início da série histórica do indicador, em 1996.

“Em 2016, a gente teve um grande problema: a perda de produção. Não fosse isso, tenho a impressão de que o segmento ficaria no zero, zero e pouco, ou teria uma queda menor. O ‘complicador’ da temporada, além da crise no país, foi a perda de produtividade, principalmente nas safras de soja e milho”, explica o consultor de agronegócio Flávio França Junior.

O maior responsável pelo resultado negativo da agricultura foi o clima, de acordo com os especialistas. A área plantada chegou a aumentar, segundo o França Junior. Diante de um clima regular, os efeitos climáticos foram piores. “O ano foi bem fraco mesmo, e não tem jeito, vai fechar no vermelho”, afirma.

Seca devastou hectares do milho

O pequeno agricultor Jocelen Alves, de Ponta Porã, a 326 quilômetros de Campo Grande (MS), perdeu quase tudo o que plantou na segunda safra de milho desta temporada. Dos 70 hectares que cultivou, 50 foram atingidos por uma estiagem de mais de 42 dias e os 20 hectares que restaram foram afetados por uma geada.

De uma produtividade que ele esperava ser superior a 80 sacas por hectare, colheu apenas 12. “Nunca vivemos um ano tão ruim como este. Nos outros sempre conseguimos pagar as contas com a lavoura, neste vamos ter que tirar de outro lugar”, diz o produtor.

A história do produtor, que se repetiu em maior ou menor intensidade em todo o Mato Grosso do Sul nesta safrinha e contribuiu para uma quebra de 34% na produção do cereal no estado, de uma projeção de de 9,1 milhões de toneladas para uma colheita de 6 milhões de toneladas, ajuda a entender o porquê dos resultados negativos do cultivo do grão estarem sendo apontados como um dos principais responsáveis pela queda do PIB da agropecuária no terceiro trimestre.

O economista Fabio Ralston, diretor de Commodities na consultoria Parallaxis, aponta a quebra da safrinha como grande “vilã” para que a agropecuária tivesse um resultado negativo de 1,4% no terceiro trimestre deste ano em relação ao trimestre anterior. “A produção de milho safrinha vinha crescendo em todo o país nas temporadas anteriores e em razão das variações do clima provocadas pelo fenômeno El Niño sofreu um grande retração. No Centro-Oeste a queda chegou a 36,64%”, explica.

Chuva afetou cultura da cana

Uma das maiores produtoras de cana-de-açúcar do país, a região de Piracicaba (SP) viu a produção cair 15% este ano, segundo o presidente da cooperativa dos plantadores de cana do estado de São Paulo (Coplacana), Arnaldo Antônio Bortoletto. O principal motivo foi o clima desfavorável à cultura canavieira.

No final do ano passado, choveu muito e nós tivemos que colher com um solo muito úmido, o que refletiu na produção deste ano”, afirmou Bortoletto. A safra costuma começar no fim de março e terminar em dezembro. Este ano, com a baixa produtividade, o término foi antecipado para outubro, o que levou a demissões. “Tivemos que dispensar o pessoal mais cedo e o produtor teve que apertar mais o caixa porque a receita foi menor”, disse Bortoletto.

Recessão bateu na porta do agronegócio

Para o diretor-executivo da Associação Brasileira do Agronegócio (Abag), Luiz Cornacchoni, os reflexos da recessão também bateram na porta do agronegócio este ano. “A queda no consumo interno afetou segmentos importantes como a cadeia de carnes e de hortifrúti”, avalia.

Segundo Cornacchoni, nem o cenário mais favorável das exportações ajudou a compensar a demanda mais fraca por produtos da agropecuária. Também a queda acumulada do dólar, de quase 20% no primeiro semestre, reduziu a receita dos exportadores. “Mas este foi um efeito marginal no setor”.

Mercado de trabalho em queda

Com a redução da produção, houve queda do número de trabalhadores no segmento. A Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), também do IBGE, indica que o agronegócio perdeu mais de 800 mil trabalhadores no ano passado – a maior retração da série histórica.

“Isso tem muito a ver com a mecanização do trabalho, com a substituição da mão de obra, com o setor cada vez mais modernizado e precisando de menos gente”, analisa a gerente do Pnad, Maria Lúcia Vieira.

Renda agropecuária deve atingir R\$ 26,1 bilhões em 2017, prevê Sistema FAMASUL. Site do CNA, 02/12/2016.

Campo Grande / Mato Grosso do Sul - O VBP – Valor Bruto de Produção da agropecuária em Mato Grosso do Sul deve atingir R\$ 26,1 bilhões em 2017. Esta é a previsão do Sistema FAMASUL – Federação da Agricultura e Pecuária de MS apresentada na coletiva de imprensa realizada nesta sexta-feira (02), na sede da instituição. O resultado projetado é cerca de 1% maior que o patamar de 2016, quando a renda do setor atingiu R\$ 25,9 bilhões.

“Os números revelam o desempenho do setor, mostrando que a agropecuária conseguiu bons resultados apesar da atual conjuntura econômica do País. Com a colaboração do produtor rural que adota tecnologias e aplica em sua produção o trabalho da comunidade científica, conseguimos atravessar o ano de 2016”, afirmou o presidente do Sistema FAMASUL, Mauricio Saito.

Entre os segmentos, o que mais se destacou, de acordo com os números do departamento econômico da instituição, foi o mercado da cana-de-açúcar, que deve registrar marca de R\$ 4,6 bilhões em 2017, 15,6% a mais que em 2016 (aproximadamente R\$ 4 bilhões). Na avaliação da gestora, Adriana Mascarenhas, o incremento está associado à ascensão nas

negociações de açúcar. “Há um maior interesse do mercado internacional pelas vendas deste produto, que está sendo vendido a um valor maior”.

Do mesmo modo, o mercado suíno deve subir 15,5% entre 2016 e 2017, atingindo R\$ 550 milhões. “Apesar deste segmento registrar uma pequena participação no VBP, existe uma possibilidade de aumento de produção e de preços estáveis”, afirma a economista que falou também da permanência da renda bruta da soja nos mesmos patamares de 2016, em R\$ 8,5 bilhões, enquanto que o milho, esperado em R\$ 4,3 bilhões, suba 11,7%.

Em sentido inverso, a estimativa é de queda de 8,8% no Valor Bruto de Produção pecuária, considerando que a renda pode ficar em R\$ 6,6 bilhões. “Tudo vai depender da nossa economia a partir do segundo semestre. Se persistir o mesmo cenário que 2016 veremos, no mercado, pouco boi e muita carne, ou seja, pouca oferta e um consumo interno menor ainda”, analisa Adriana, que ressalta que o desempenho só poderá se reverter caso as exportações aumentem.

Durante a coletiva, o presidente do Sistema FAMASUL, Mauricio Saito, também falou das ações desenvolvidas ao longo deste ano pela instituição. “Começamos nosso calendário com o Showtec, e encerramos com o MS Agro e Agrinho MS, dois grandes eventos que tem o objetivo de compartilhar conteúdo. Foram 80 eventos realizados e apoiados pela Casa Rural com a participação de 35 mil pessoas, entre eles o Circuito Pecuário, que alcançou regiões produtoras estratégicas do estado, totalizando mais de 2 mil pessoas”, acrescenta.

Mapa fortalecerá programa voltado à produção integrada e ao cooperativismo agropecuário. Site do MAPA, 05/12/2016.

Anúncio foi feito pelo ministro interino da Agricultura, Eumar Novacki, durante visita a Rondônia

O Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa) vai fortalecer o Programa de Produção Integrada de Sistemas Agropecuários em Cooperativismo e Associativismo Rural (Pisacoop). O objetivo é ampliar a participação de diferentes culturas e atividades pecuárias em todas as regiões brasileiras. O anúncio foi feito pelo ministro interino do Mapa, Eumar Novacki, durante visita a Rondônia, quando também lançou a campanha

nacional de combate ao mosquito *Aedes aegypti*. Ele informou ainda que o Mapa destinará R\$ 1,9 milhão para convênios de fomento ao setor agropecuário com quatro municípios do interior do estado: Nova Brasilândia D'Oeste (R\$ 650 mil), Santa Luzia D'Oeste (R\$ 400 mil), Alta Floresta (R\$ 550 mil) e Rolim de Moura (R\$ 300 mil).

“Além do valor que anunciamos para os convênios, Rondônia ainda terá à disposição, no próximo ano, os recursos previstos no orçamento do Ministério da Agricultura para defesa animal e fitossanitária”, disse Novacki, que visitou cafezais e se reuniu com autoridades locais e produtores rurais da região de Cacoal na sexta-feira (2) e no sábado (3) da semana passada. “Viemos aqui para conhecer a realidade da região e ver como podemos estimulá-la para que Rondônia se torne um produtor ainda mais eficiente, produtivo e se insira na cadeia mundial do agronegócio.”

O ministro interino destacou também a importância de impulsionar o Pisacoop, programa que prepara o produtor para tirar mais da própria terra, com acompanhamento intensivo de técnicos em extensão rural. Segundo ele, o fortalecimento do programa beneficiará especialmente pequenos e médios produtores rurais, que serão incentivados a adotar cada vez mais tecnologias sustentáveis – como integração lavoura-pecuária-floresta, produção integrada e bem-estar animal – e a se organizar em associações rurais e cooperativas agropecuárias. “O cooperativismo e o associativismo vão ajudá-los a se tornar mais competitivos no mercado.” A ideia, acrescentou, é que o Pisacoop possa ser usado ainda para apoiar a cafeicultura em Rondônia.

Na viagem a Rondônia, Novacki apresentou às autoridades locais e a produtores rurais o Agro+, plano lançado neste segundo de semestre para desburocratizar, modernizar e simplificar normas e procedimentos do Ministério da Agricultura, a fim de tornar mais ágeis as operações do agronegócio. De acordo com ele, o Agro+ se insere entre as ações do Mapa para elevar de 7% para 10% a participação do Brasil no comércio mundial agrícola. O secretário de Agricultura de RO, Evandro Padovani, disse que trabalhará para criar o Agro+ do estado e se reunirá com prefeituras para incentivá-las a lançar versões municipais do plano de desburocratização.

Abiove reduz estimativa para produção de soja em 2016. Camila Souza Ramos. Valor Econômico, 05/12/2016.

A Associação Brasileira das Indústrias de Óleos Vegetais (Abiove) reduziu suas estimativas para a produção de soja no Brasil neste ano, implicando em revisões negativas para a produção doméstica de farelo e óleo, mas aumentou suas projeções para a produção de soja do ano que vem, elevando também seu cálculo para as exportações.

Para a colheita deste ano, a Abiove reduziu sua estimativa em 500 mil toneladas, para 96,1 milhões de toneladas. Com isso, o cálculo para as exportações foi reduzido em 800 mil toneladas, para 51,7 milhões de toneladas.

A entidade também reduziu sua estimativa para a produção do farelo de soja em 400 mil toneladas, para 29,9 milhões de toneladas, e para a fabricação do óleo de soja em 100 mil toneladas, para 7,85 milhões de toneladas.

Já os cálculos para a oferta de soja deste ano vieram positivos em relação à leitura anterior. A Abiove fez um leve ajuste para cima na projeção para a colheita de soja no ano que vem em 100 mil toneladas, projetando agora uma produção de 101,4 milhões de toneladas.

Para as exportações do grão, a elevação foi mais robusta, de 500 mil toneladas, para 57,5 milhões de toneladas. Mesmo com a perspectiva maior para a produção de soja, a Abiove não aumentou suas estimativas para a produção de farelo e óleo de soja em 2017, cujos cálculos permaneceram em 31,1 milhões de toneladas e 8,1 milhões de toneladas, respectivamente.

Apex escolhe o agronegócio para promoção do Brasil no exterior em 2017. Camila Souza Ramos. Valor Econômico, 06/12/2016.

A Apex-Brasil elegeu o agronegócio como setor prioritário para promover as exportações brasileiras no próximo ano e, para isso, apostará na abertura de mercados aos produtos agrícolas e na melhora da imagem do segmento ao redor do mundo.

Os esforços para a ampliação de mercados deve ser direcionada sobretudo à Ásia, que já responde por cerca de 50% das exportações do agronegócio brasileiro, segundo a entidade.

Conforme o embaixador Roberto Jaguaribe, presidente da Apex-Brasil, a China será o foco das ações da agência, por ser o maior mercado importador de produtos agrícolas do mundo e por “todas as relações com o país passam pelo âmbito oficial”.

Jaguaribe ressaltou, porém, que há uma “tendência protecionista” crescendo no mundo que deve representar um desafio para essa abertura de mercados, e que há alguns segmentos em específico mais afetados por barreiras, como o açúcar. A agência também pretende promover a imagem de sustentabilidade do agronegócio brasileiro, principalmente na Europa, considerada uma “formuladora de imagem” do setor. “Apesar de imagem nada boa nesse particular fora do Brasil e muitas vezes dentro, o país tem no segmento de produtores a maior sustentabilidade de produção agrícola do mundo”, argumentou Jaguaribe.

O embaixador salientou que o maior potencial de crescimento das exportações do agronegócio brasileiro está no segmento de grãos e proteínas, mas observou que a agência atuará com todos os segmentos agropecuários do país.

Para Jaguaribe, a expansão das exportações brasileiras depende não apenas dos esforços de promoção da Apex, mas da competitividade da produção do país. Para ele, isso passa pela atração de investimentos em infraestrutura no país para reduzir os custos de produção, uma vez que “o agronegócio é o setor mais afetado pela deficiência em infraestrutura”

A agregação de valor na produção do agronegócio também é um ponto de atenção da agência, que buscará promover as marcas de produtos agropecuários. Jaguaribe citou como exemplo a promoção das exportações de cafés especiais feita pela agência, que desde o início do ano até outubro já superaram as do mesmo período do ano passado em 146,9%, para US\$ 1,159 bilhão. “O Brasil não pode se contentar em ficar exportando produtos sem valor agregado”, defendeu o presidente da Apex.

Agropecuária supera obstáculos e segue liderando a economia brasileira em 2016. Site do CNA, 06/12/2016.

O setor agropecuário liderou a economia brasileira em 2016 ao superar dificuldades conjunturais e a crise política. Aumentou de 21,5% para 23% sua participação no Produto Interno Bruto (PIB) e, hoje, representa 48% das exportações totais do país.

A agricultura e a pecuária não estão imunes à crise, mas geraram 50 mil novas vagas nos primeiros dez meses do ano, enquanto os demais setores da economia cortaram 792 mil postos de trabalho.

Números da Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA) indicam que o PIB do agronegócio terá crescimento ao final de 2016 de 2,5% a 3%, um resultado expressivo devido à recessão econômica enfrentada pelo país desde o ano passado.

A instabilidade climática, dependendo da região de plantio, terá menos influência na produção de grãos em 2017.

Na avaliação da CNA, a agropecuária deverá continuar crescendo em 2017, liderando o início da retomada econômica do país. Grandes desafios, contudo, ainda terão de ser superados. Uma questão estratégica para o setor é a elaboração da lei agrícola plurianual, em contrapartida ao modelo em vigor, de programas anuais.

Com planejamento de longo prazo, a agropecuária brasileira terá melhor desempenho e a classe média rural será fortalecida.

Comércio exterior – As vendas externas do agronegócio têm garantido seguidos superávits da balança comercial brasileira. Em 2016, os produtos do agronegócio deverão garantir saldo comercial significativo ao país: US\$ 72,5 bilhões.

Tem sido decisiva a participação dos produtos do agronegócio nas exportações brasileiras. De janeiro a novembro deste ano, os 15 principais produtos do agronegócio representaram 38% do total das vendas externas do país.

Para 2017, a expectativa é de continuidade no crescimento do volume de exportações, com abertura de novos destinos para os produtos agropecuários e agroindustriais.

O mercado global de commodities seguirá marcado pela cautela relacionada à variação cambial e às incertezas políticas mundiais. A combinação desses fatores poderá influenciar a dinâmica e o fluxo do comércio global, criando desafios e oportunidades para o produtor rural brasileiro.

Nesse cenário, o Brasil tem alguns caminhos a seguir, como:

Construir uma ampla rede de acordos preferenciais de comércio, que garantam a abertura novos mercados e manutenção daqueles já consolidados;

Atrair investimentos, especialmente voltadas aos elos da cadeia produtiva da agropecuária que possam agregar valor aos produtos exportados;

Promover a qualidade do modelo produtivo brasileiro e os requisitos de sustentabilidade cumpridos pelo setor, com objetivo de suprir a demanda de uma sociedade cada vez mais exigente e consciente dos desafios ambientais do planeta.

PIB do Agronegócio deve crescer 2% em 2017. Site do CNA, 06/12/2016.

Os cenários para a agropecuária brasileira em 2017 são positivos. O Produto Interno Bruto (PIB) do agronegócio deverá crescer 2% e a safra de grãos poderá alcançar o recorde de 215 milhões de toneladas, no próximo ano.

A avaliação foi feita nesta terça (6) pela Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA) durante evento, na sede da entidade, para a divulgação do documento “Balço 2016, Perspectiva 2017”.

A melhora no desempenho será consequência, dentre outros fatores, da recuperação da produção agrícola, com chuvas mais regulares e o avanço do plantio dentro do calendário previsto.

Em 2016, a safra de grãos teve sua maior queda em seis anos e totalizou 186 milhões de toneladas, por influência do fenômeno El Niño, marcado pela forte seca e excesso de chuvas, dependendo da região de plantio.

Segundo o Superintendente Técnico da CNA, Bruno Lucchi, culturas como a soja, o milho, o algodão, o arroz e o feijão deverão recuperar produção e área plantada.

Comércio exterior – O agronegócio aumentou sua participação nas exportações brasileiras de 46%, em 2015, para 48% neste ano. Com exceção de 2014, o setor foi o principal responsável por manter o superávit da balança comercial desde 2006, informou a superintendente de Relações Internacionais da CNA, Lígia Dutra.

Lígia Dutra, Superintendente de Relações Internacionais da CNA

O destaque foi o complexo soja, com participação de 29% nos embarques. China, União Europeia e Estados Unidos continuam como os principais parceiros comerciais do Brasil, mas outros mercados têm se destacado, como o Irã.

Câmbio – Fatores externos e domésticos vão influenciar o câmbio em 2017, de acordo com o economista-chefe da MB Associados, Sérgio Valle, que fez uma exposição no evento.

No cenário internacional, ele classificou como incógnita a eleição de Donald Trump para a presidência dos Estados Unidos. No Brasil, caso não haja as reformas estruturais, a retomada do crescimento será mais lenta.

Nova estimativa indica safra de milho em 25 milhões de toneladas em MT. Site da ABAG, 06/12/2016.

Plantio dentro do período ideal e condições climáticas favoráveis podem garantir uma safra de milho de 25 milhões de toneladas para o Estado de Mato Grosso.

Esses são os novos números do Imea (Instituto Mato-Grossense de Economia Agropecuária) para a safra de 2017. A previsão anterior do órgão era de 23,3 milhões de toneladas.

Os novos números da safra vêm de aumento de área e de produtividade. O Imea prevê, agora, uma área de 4,42 milhões de hectares para o cereal na safra 2016/17. Se concretizado, esse espaço crescerá 4,13% em relação ao da safra deste ano.

O crescimento da área de milho ocorre devido às boas condições climáticas durante o plantio da soja, o que permite que o milho safra seja semeado dentro do período ideal. Na safra anterior, quando houve atraso no plantio da soja, pelo menos 40% das lavouras de milho foram semeadas fora do período ideal.

Com isso, condições climáticas adversas e colheita postergada derrubaram a produção do Estado para apenas 18,9 milhões de toneladas.

A produtividade média por hectare da nova safra está prevista em 96,7 sacas por hectare. Na anterior, devido ao clima, ficou em apenas 74,2 sacas.

Oferta de carne bovina deve subir em 2017

O cenário para o preço do boi gordo será desafiador no próximo ano. A oferta volta a subir, e há riscos tanto para a demanda interna como para a externa.

Do lado da oferta, "há indícios de que estamos na virada do ciclo pecuário", diz Guilherme Melo, analista de Agronegócios no Itaú BBA.

Em estudo, o banco aponta que poderá haver aumento de abates de vacas, provocado pela redução das margens na cria, puxada pela queda de preço do bezerro.

Além do aumento da oferta de vacas, também provocada pelo aumento da produtividade, ele prevê a possibilidade de uma disponibilidade maior de bois para abate.

Condição climática melhor, o que confere maior peso aos animais, e maior número de animais em semiconfinamentos e confinamentos vão elevar a oferta de carne.

A demanda interna deverá ser afetada pelo elevado nível de endividamento da população e pela alta taxa de desemprego.

Do lado externo, a carne brasileira se beneficia do câmbio um pouco mais desvalorizado, da oferta limitada de alguns países produtores e de uma recuperação parcial dos preços médios do petróleo, segundo Melo.

Mas a reabertura da China para a carne bovina dos Estados Unidos poderá ser um dos riscos para o avanço do produto nacional.

Outro fator que merece atenção é a elevação da produção e exportação global de carne de frango. O Usda (Departamento de Agricultura dos EUA) prevê alta de 5% no comércio global.

Caminho inverso Se aproxima o final de ano, e as receitas com as exportações do complexo soja contrariam duas previsões.

Menos O volume a ser exportado pelo país será menor do que o previsto, ficando em 51,7 milhões de toneladas.

Mais Já as receitas, cujas estimativas indicavam forte queda, se recuperaram e ficarão próximas de US\$ 25,1 bilhões neste ano.

Preços As estimativas são da Abiove (Associação Brasileira das Indústrias de Óleos Vegetais). O aumento de receitas, em relação às estimativas anteriores, ocorre devido a uma manutenção dos preços externos da soja.

Demanda Com a safra mundial em patamar recorde, esperava-se uma queda nos preços. A demanda, principalmente a da China, deu sustentação às negociações.

15 principais produtos do agronegócio respondem por 38% das exportações do país. Site do CNA, 07/12/2016.

Os 15 principais produtos do agronegócio representaram 38% do total exportado pelo Brasil nos primeiros onze meses do ano. Os destaques em valor de vendas foram: soja em grãos (12%), açúcar em bruto (4%) e carne de frango (3%).

Em comparação com o mesmo período do ano anterior, a soja em grãos teve uma diminuição de 8% em suas exportações, a carne de frango de 5%, enquanto o açúcar em bruto demonstrou aumento de 40%.

As informações são do Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços (MDIC), divulgadas na semana passada. De acordo com os números, nos onze primeiros meses de 2016, houve queda de 3% nas exportações do país, comparadas ao mesmo período do ano anterior, somando US\$ 169 bilhões.

Assim como as exportações, as importações registraram queda de 22%, alcançando US\$ 126 bilhões. Esses resultados possibilitaram superávit comercial de US\$ 43,28 bilhões ao Brasil.

Apesar das quedas registradas no acumulado do ano, se for destacado apenas o mês de novembro, houve evolução expressiva com relação ao mesmo mês de 2015. O valor das exportações aumentou 17% e o das importações retraiu 9%.

Esse cenário, de forte crescimento das exportações e queda nas importações, contribuiu para aumentar o saldo comercial, que foi de US\$ 4,7 bilhões.

Destino das exportações - As vendas externas do Brasil diminuiram para a maioria dos blocos econômicos. Houve queda para América Central e Caribe (-19%), Mercosul (-9%), África (-8%), Estados Unidos (-5%), Ásia (-2%) e União Europeia (-2%). E aumento de exportações para a Oceania (12%) e para o Oriente Médio (3%).

Como demonstra o gráfico abaixo, 33,9% das exportações brasileiras tiveram a Ásia como destino, 21,6% a Europa, 16,1% a América do Sul e 15,6% da América do Norte.

O milho está entre os produtos do agronegócio com maior variação nas vendas externas entre janeiro e novembro. No período, as exportações caíram 11%. Apesar da queda, o milho representou 2,1% das exportações totais brasileiras nos onze meses do ano.

Em 2016, o Brasil foi afetado por condições climáticas que provocaram quebra significativa na safra do cereal. Isso fez com que a cotação alcançasse altos patamares no mercado interno, afetando as exportações.

PIB do campo crescerá até 3%, diz CNA. Cristiano Zaia. Valor Econômico, 07/12/2016.

A Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA) estima que, apesar das quebras das safras de grãos, café e laranja, entre outras culturas, o Produto Interno Bruto (PIB) do agronegócio brasileiro deverá encerrar o ano com um incremento entre 2,5% a 3% na comparação com 2015.

Se confirmada a projeção, calculada em parceria com o Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (Cepea/Esalq) e apresentada em evento ontem em Brasília, a participação do setor no PIB total do país - que deverá cair mais de 3%, de acordo com estimativas de mercado - deverá aumentar de 21,5%, no ano passado, para 23%.

Textos, fotos, artes e vídeos do Valor estão protegidos pela legislação brasileira sobre direito autoral. Não reproduza o conteúdo do jornal em qualquer meio de comunicação, eletrônico ou impresso, sem autorização do Valor (falecom@valor.com.br). Essas regras têm como objetivo proteger o investimento que o Valor faz na qualidade de seu jornalismo.

"O agronegócio continua sendo resiliente. Num ano em que tivemos uma crise climática descomunal, o setor continuou apresentando resultados positivos e todos os seus índices foram bons", disse o superintendente técnico da CNA, Bruno Lucchi.

A confederação também lembrou que o PIB do agronegócio já registrou alta acumulada de 3,4% de janeiro a agosto em relação ao mesmo período de 2015, sob influência também do comportamento das áreas de insumos.

Quanto ao comércio internacional, as projeções da confederação indicam que as exportações do agronegócio brasileiro deverão encerrar o ano em US\$ 86 bilhões, um recuo de 2,5% em relação a 2015. "As contínuas dificuldades econômicas enfrentadas pelo país, aliadas à queda nos preços das commodities e às condições climáticas que afetaram a safra este ano, foram determinantes para esse cenário", observou a entidade.

Apesar das dificuldades, a CNA projeta que a agropecuária deverá continuar crescendo e vai liderar o início da retomada econômica do país em 2017, no que deve ser um ano positivo para o setor. E avalia que as instabilidades climáticas deverão ter menos influência sobre a produção de grãos neste ciclo 2016/17.

De acordo com a entidade, as boas perspectivas para a temporada agrícola atual e o câmbio poderão motivar um aumento de 2% no PIB do agronegócio em 2017 em relação a este ano. O Valor Bruto da Produção (VBP) também deverá registrar incremento - mesma tendência prevista para o volume das exportações do setor. A CNA traçou cenários positivos particularmente para a produção de soja e de milho e para o segmento sucroalcooleiro, que ainda deverá com preços remuneradores para o açúcar.

Açúcar é destaque das exportações do agronegócio em novembro. Site do MAPA, 07/12/2016.

Embarques do produto somaram US\$ 1,1 bilhão, com aumento de 52,2% na comparação com igual mês de 2015

O açúcar foi o principal produto exportado pelo agronegócio brasileiro em novembro. Os embarques cresceram principalmente em função do aumento do preço médio da cotação internacional de açúcar. Em novembro, as vendas somaram US\$ 1,1 bilhão, crescimento de 56,2% em relação aos US\$ 697 milhões alcançados em igual mês de 2015. Já no período de janeiro a novembro deste ano, as exportações do produto chegaram a US\$ 9,3 bilhões, um incremento de 37% na comparação com o período anterior, quando atingiu US\$ 6,8 bi. Os dados foram divulgados pela Secretária de Relações Internacionais do Agronegócio do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa) nesta quarta-feira (7).

De acordo com a SRI, as exportações do agronegócio brasileiro em novembro foram de US\$ 5,7 bilhões, o que correspondeu a uma queda de 13,6% em relação aos US\$ 6,6 bilhões exportados no mesmo mês de 2015.

A queda nas vendas externas de soja e de milho em grão, carnes de frango e bovina foi compensada em parte pela expansão das exportações do complexo sucroalcooleiro (+42,9%), café (+18,6%) e produtos florestais (+6,2%). Isso impediu uma redução mais

acentuada das exportações. Também tiveram destaques as carnes suínas (+26,5%) e de peru (+47,4%).

Entre janeiro e novembro de 2016, as vendas externas do agronegócio atingiram US\$ 78,8 bilhões, com retração de 3,1 % em relação aos US\$ 81,4 bilhões exportados no mesmo período do ano anterior.

Apesar da queda nos embarques de soja em grão, a China continua como o principal destino das exportações do agronegócio brasileiro. O país asiático é responsável pela compra de um quarto do total das vendas externas do país no período de janeiro a novembro de 2016, com participação semelhante ao mesmo período de 2015.

Valor da produção em SP deve aumentar 21%. Fernando Lopes. Valor Econômico, 08/12/2016.

Puxado por cana e carne bovina, e com forte impulso de laranja e café, o valor da produção agropecuária (VPA) de São Paulo vai encerrar 2016 com um crescimento de causar inveja a outros claudicantes setores da economia.

De acordo com estimativas preliminares do Instituto de Economia Agrícola (IEA) da Secretaria da Agricultura do Estado, o VPA paulista tende a somar R\$ 76,6 bilhões neste ano, 21% a mais que em 2015. O volume total da produção dos 53 itens que fazem parte do levantamento deverá aumentar 3,3%, enquanto os preços vão subir, em média, 17,1%.

Se confirmado, esse resultado manterá São Paulo como líder nacional em valor da produção agropecuária, à frente de Mato Grosso. Menos importante no segmento de grãos, o Estado do Sudeste tem na cana seu carro-chefe, cujo VPA deverá atingir R\$ 27,1 bilhões em 2016, 13,5% acima do valor do ano passado.

O volume da produção nos canaviais paulistas aumentará 0,6%, mas o preço médio será 12,9% maior, de acordo com o IEA. Mas, mesmo com o aumento, a participação da cana no VPA total do Estado deverá cair de 37,8%, em 2015, para 35,4% neste ano.

Isso por causa de avanços, alguns até mais expressivos, observados em outras frentes. Segundo produto no ranking, a carne bovina deverá registrar VPA de R\$ 9,6 bilhões em 2016, aumento de 7,6% em relação ao ano passado, determinado por incrementos de 2% no volume de produção e de 5,5% no preço médio.

No caso da carne de frango, terceiro na lista dos maiores VPAs, o IEA estima uma queda de 5%, para R\$ 3,9 bilhões, mas, em compensação, há verdadeiras disparadas em curso para os 11 produtos que aparecem na sequência.

Para a laranja destinada às indústrias fabricantes de suco, o incremento previsto é de 56,6%, embalado por uma alta de 57,3% do preço médio. Soja e milho também registrarão resultados amplamente positivos - aumentos de 38,9%, para R\$ 3,4 bilhões, e de 64,1%, para R\$ 3,1 bilhões, respectivamente, igualmente influenciados por preços melhores.

Completam a lista das disparadas na parte superior da lista do IEA café beneficiado (R\$ 53,8%, para R\$ 2,8 bilhões em 2016), ovos (33,4%, para R\$ 2,8 bilhões), madeira de eucalipto (13,2%, para R\$ 2,7 bilhões), leite (34,1%, para R\$ 2,1 bilhões), batata (60,9%, para R\$ 1,6 bilhão), banana (37,4%, para R\$ 1,4 bilhão), limão (27,2%, para R\$ 1,2 bilhão).

Entre todos os produtos, aqueles comprados por indústrias tendem a registrar um VPA conjunto de R\$ 34,5 bilhões - que, se confirmado, representará um aumento de 20% sobre 2015.

Geller discute com setor produtivo propostas para o próximo Plano Agrícola e Pecuário. Site do MAPA, 08/12/2016

Objetivo é ver quais ajustes devem ser feitos para apoiar ainda mais a produção rural

O secretário de Política Agrícola do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa), Neri Geller, se reuniu com representantes de entidades de produtores rurais, nesta semana, para discutir as propostas do próximo Plano Agrícola e Pecuário 2017/2018, que começa a vigorar em julho do próximo ano.

“Foi uma reunião muito proveitosa. Na verdade, começamos uma discussão, recebemos as demandas do setor para ver quais são as melhorias que precisam ser implementadas, de que forma vamos fazer isso para elaborar o plano. Vamos aumentar os recursos do seguro rural, ter recursos para a comercialização e fazer uma gestão compartilhada com a iniciativa privada”, disse o secretário Neri Geller.

Estão programados outros encontros com o setor produtivo, em janeiro, para continuar recebendo sugestões, discutir e aprofundar os principais programas. “Em fevereiro,

vamos sentar com a equipe econômica para alinhar e sinalizar para o setor qual do rumo do governo federal na questão do próximo plano safra”.

Neri Geller ressaltou a importância e credibilidade do planejamento do novo plano agrícola e pecuário. “Se você trabalhar com antecedência, não só o produtor, mas também a indústria de defensivos agrícolas e equipamentos agrícolas toda cadeia pode se organizar com um plano alinhado com antecedência. Estamos muito firmes no sentido de ampliar o plano safra e mais programas que sejam realmente benéficos às demandas do setor.”

Entre as entidades que participaram da primeira reunião de planejamento, a Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA), Associação Brasileira dos Produtores de Algodão (Abrapa), Associação Matogrossense dos Produtores de Algodão (Ampa), Associação dos Produtores de Soja (Aprosoja), Federação das Associações de Arrozeiros do Estado do Rio Grande do Sul (Federarroz), Associação Brasileira de Proteína Animal (ABPA), Associação Brasileira de Sementes e Mudas (Abrasem), Associação Brasileira de Produtores de Sementes de Soja, Associação de Criadores de Mato Grosso (Acrimat), Organização das Cooperativas Brasileiras (OCB), federações de agricultura de Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Goiás, do Paraná e Rio Grande do Sul e parlamentares da Frente Parlamentar da Agropecuária (FPA).

Conab eleva estimativa para produção de grãos a 213 milhões de ton. Kauanna Navarro, Camila Souza Ramos e Bettina Barros. Valor Econômico, 08/12/2016.

As perspectivas de clima favorável às culturas de verão fez com que a Companhia Nacional de Abastecimento (Conab) elevasse sua estimativa para a produção nacional de grãos na safra 2016/7 que está sendo semeada.

No seu terceiro relatório sobre a temporada, divulgado há pouco, a Conab elevou a estimativa para a produção total de grãos ante a projeção mais baixa divulgada no último relatório. A perspectiva é de produção de 213,1 milhões de toneladas, avanço de 14,2% (ou 26,5 milhões de toneladas) na comparação com a safra 2015/16, de 186,6 milhões de toneladas. A expectativa divulgada no mês passado oscilava entre 210,9 milhões e 215,1 milhões de toneladas na safra atual. Caso a nova estimativa seja confirmada, a produção será recorde no país.

A área de cultivo no país deve ser levemente maior do que a registrada na safra passada, chegando a 59,2 milhões de hectares, avanço de 1,4% ou 827 mil hectares. Em novembro, essa expectativa era de 58,48 milhões a 59,65 milhões de hectares. O algodão e o arroz foram exceções na ampliação de área, devido à substituição pelo cultivo de soja, caso de Mato Grosso.

A soja e o milho permanecem como principais culturas produzidas pelo agronegócio brasileiro, correspondendo a quase 90% do que é colhido no país. A soja deve passar dos 100 milhões de toneladas, chegando possivelmente a 102,4 milhões de toneladas em 2016/17. O milho deve ficar em patamares acima de 80 milhões de toneladas, distribuídos entre os plantios de primeira e segunda safras.

Safra 2016/17 de grãos deve chegar a 213 milhões de toneladas. Site do MAPA, 08/12/2016

3º levantamento da produção agrícola também aponta aumento de 1,4% na área plantada

A estimativa da produção de grãos para 2016/17 é de 213,1 milhões de toneladas, com crescimento de 14,2% ou 26,5 milhões de ton em relação à safra anterior, de 186,6 milhões. Os dados são do 3º Levantamento da safra 2016/2017, divulgado nesta quinta-feira (8) pela Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), vinculada ao Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa).

A área total plantada também será ampliada, podendo chegar a 59,2 milhões de hectares, o que representa aumento de 1,4% ou 827 mil ha, se comparada com a safra passada. O algodão e o arroz foram exceções nesse cenário, devido à substituição pelo cultivo de soja, caso de Mato Grosso. No entanto, as demais culturas de primeira safra tiveram incremento de área.

A produção do milho primeira safra deverá alcançar 27,7 milhões de toneladas, com crescimento de 7,3% em relação aos dados de 2015/16. Já o arroz registra produção de 11,5 milhões de toneladas, superior, portanto, à safra passada em 8,5%, enquanto que o feijão primeira safra pode chegar a 1,28 milhão de toneladas, 24,1% acima do ciclo anterior.

Para a soja, a projeção é de crescimento de 7,3% na produção, podendo atingir 102,45 milhões de toneladas. O algodão em pluma deve crescer 9,7% e chegar a 1,41 milhão de toneladas, apesar de uma redução de 5,5% na área cultivada.

"São números extraordinários, que vão ajudar na recuperação da economia brasileira", disse o secretário de Política Agrícola do Mapa, Neri Geller, ao comentar o levantamento da Conab.

Culturas de inverno 2016

A produção em destaque é a do trigo, que deve crescer 21% acima dos números de 2015 e atingir 6,7 milhões de toneladas. A cevada deve ter leve redução de área, mas a produção será de 374,8 mil toneladas, com a recuperação da produtividade. Já a canola e o triticale também apresentam aumento de área e de produtividade, com a primeira produzindo 71,9 mil toneladas e o segundo, 68,1 mil toneladas.

Receita das cooperativas agropecuárias do PR superará R\$ 70 bi em 2016. Fernando Lopes. Valor Econômico, 09/12/2016.

As cooperativas agropecuárias do Paraná deverão encerrar 2016 com faturamento conjunto superior a R\$ 70 bilhões, aumento de 17% em relação a 2015, conforme informações divulgadas pelo Sistema Ocepar.

Segundo José Roberto Ricken, presidente do Sistema Ocepar, o número de produtores cooperados já se aproxima de 1,5 milhão no Estado, e o segmento é responsável pela geração de 85 mil empregos diretos e cerca de 2,8 milhões indiretos. Os investimentos das cooperativas paranaense, segundo ele, chegam a R\$ 2 bilhões por ano.

Plano Agrícola e Pecuário. Site do MAPA, 09/12/2016.

Moderfrota impulsiona contratações do crédito rural na atual safra

Programa deve receber mais R\$ 2,5 bilhões para atender aumento da demanda

Com o aquecimento da demanda por máquinas e implementos agrícolas, o programa Moderfrota foi o destaque no financiamento agropecuário, com contratações de R\$ 3,5 bilhões, nos primeiros cinco meses do ano-safra 2016/2017. "Este valor é um indicativo

da confiança dos agricultores em relação às atividades que desenvolvem no campo e às perspectivas de colher uma supersafra de grãos, estimada em 213,1 milhões de toneladas pela Conab”, diz o diretor de Crédito e Estudos Econômicos do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa), Wilson Vaz de Araújo.

Por causa do aumento da procura, o Ministério da Agricultura conseguiu com o Ministério da Fazenda aporte adicional de R\$ 2,5 bilhões para o programa, a ser autorizado nos próximos dias. Com isso, o valor total para o Moderfrota passará de R\$ 5 bilhões para R\$ 7,55 bilhões neste ano-safra.

Outros programas de investimento que tiveram aumento das contratações nesses primeiros cinco meses de execução do Plano Agrícola e Pecuária 2016/2017 foram o Pronamp e o Procap-Agro. As contratações do Pronamp passaram de R\$ 461 milhões para R\$ 993 milhões na comparação com igual período do ano passado. Já os contratos do Procap-Agro aumentaram 50%, alcançando R\$ 1,1 bilhão.

No conjunto, os programas de investimento tiveram aumento de 12% em relação ao mesmo período da safra anterior, chegando a R\$ 9,9 bilhões.

As contratações de crédito rural com recursos provenientes da emissão da Letra de Crédito do Agronegócio (LCA) totalizaram R\$ 7,7 bilhões, de junho a novembro deste ano, contra R\$ 3,6 bilhões de igual período da safra anterior.

Cresce a área plantada com transgênicos na safra atual. Valor Econômico, 12/12/2016.

A área semeada com grãos geneticamente modificados (transgênicos) no Brasil alcançou 49,1 milhões de hectares na safra 2016/17 entre soja, milho e algodão, de acordo com o segundo levantamento da consultoria Céleres, divulgado na sexta-feira. A extensão corresponde a 93,4% da área total plantada com essas culturas no país e supera os 45,7 milhões de hectares com transgênicos no ciclo 2015/16.

A análise das tecnologias demonstra a liderança dos eventos com genes combinados (resistente a insetos e tolerante a herbicidas), que somarão 32 milhões de hectares, ou 65,1% do total semeado com tecnologia geneticamente modificada, permanecendo os números citados no levantamento anterior. "Essa tecnologia tenderá a ser, cada vez mais, dominante dentre as culturas atuais", diz a consultoria.

Conforme a Céleres, o número de tecnologias aprovadas com genes combinados chegou a 27 (46,5% do total), sendo uma para a cultura da soja, 22 para a cultura do milho e 12 para o algodoeiro.

No total, são 58 eventos aprovados para comercialização (oito resistentes a insetos, 19 tolerantes a herbicidas, 27 com genes combinados, um resistente a doenças, um para aumento de produtividade, um para aumento de rendimento industrial e um tolerante ao estresse hídrico).

Vale lembrar que em outubro, a CTNBio, pela primeira vez, aprovou para fins de importação (e não cultivo) três eventos de milho geneticamente modificado. Tais eventos foram aprovados em caráter de exceção, para suprir a demanda do cereal neste ano.

Safra de laranja de SP e MG é revista para baixo. Cleyton Vilarino. Valor Econômico, 12/12/2016.

O Fundo de Defesa da Citricultura (Fundecitrus) reduziu em 1,9% sua estimativa para a produção de laranja no cinturão citrícola de São Paulo, Triângulo e Sudoeste Mineiro. Segundo o órgão, serão colhidas 244,2 milhões de caixas de 40,8 quilos na safra 2016/17 ante as 249 milhões de caixas previstas em setembro. Em relação ao ciclo 2015/16, a queda é de quase 20%.

A revisão negativa foi motivada pela menor produtividade das árvores mais novas, plantadas em meio ao combate ao greening, doença que provoca a queda prematura dos frutos e exige o replantio dos pomares para o controle da sua disseminação. "O impacto desses subconjuntos é significativo na safra atual, que teve baixa produtividade, visto que as plantas mais jovens tiveram menor pegamento dos frutos", informou, em nota, o Fundecitrus.

Ainda segundo o órgão, mantido por citricultores e indústrias de suco, a taxa média de queda de frutos nesta temporada deve ficar em 13,73%, abaixo do esperado inicialmente. A menor queda, segundo o coordenador da pesquisa, Vinícius Trombin, reflete a aceleração da colheita.

"Até novembro, com base nos talhões monitorados pelo Fundecitrus, estima-se que 81% da produção tenha sido colhida. No mesmo período no ano passado, o número era 72%", destaca Trombin no comunicado divulgado. Ainda segundo a Fundecitrus, a colheita das

variedades precoces supera 96% e está praticamente encerrada; a de pera rio está em 78%, a de valência e valência folha murcha em 81% e a de natal em 71%.

As pistas estão no agronegócio. Estadão, 12/12/2016.

Sinais de recuperação, ainda escassos em outros setores, aparecem bem mais claramente na atividade do campo

A melhora da economia brasileira em 2017, depois de dois anos de recessão, pode começar pelo campo, com uma safra de grãos de 213,1 milhões de toneladas – se o tempo, como se espera, for favorável. Sinais de recuperação, ainda escassos em outros setores, aparecem bem mais claramente na atividade do campo. Se as previsões se confirmarem, os produtores, com mais dinheiro, poderão dar um bom impulso aos negócios, inicialmente no interior e depois em toda a cadeia de circulação de bens e serviços. Além disso, a maior oferta de alimentos e matérias-primas garantirá preços mais estáveis e previsíveis, mas esse efeito dependerá também do desempenho de outros tipos de lavouras e da pecuária. A colheita prevista para a safra 2016-2017 será 14,2% maior que a da temporada anterior, pelos números da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), subordinada ao Ministério da Agricultura. Esse aumento compensará com alguma folga o recuo do ano anterior, quando a produção, de 186,6 milhões de toneladas, prejudicada pelas condições do tempo, foi 10,6% menor que a de 2014-2015.

Aumentar a eficiência da economia nacional será um dos principais desafios para os governantes nos próximos anos. Também o agronegócio precisará de mais investimentos, mas o setor já se distingue há muito tempo como o mais competitivo do Brasil. Em 2016, como ocorre há um bom tempo, as exportações de alimentos e outros produtos originários do campo têm sido o pilar mais importante do comércio exterior.

De janeiro a outubro, o agronegócio embarcou mercadorias no valor de US\$ 73,1 bilhões. Embora o valor tenha sido 2,2% menor que o de um ano antes, o desempenho foi suficiente para garantir um superávit de US\$ 62,1 bilhões. Isso foi mais que suficiente para cobrir o déficit acumulado em outros segmentos e ainda garantir ao País um saldo positivo de US\$ 38,5 bilhões. Houve sem dúvida alguma contribuição do setor de manufaturados para a recuperação da balança comercial, mas o agronegócio continuou no papel principal.

Para remontar a política nacional de desenvolvimento, os governantes deveriam refletir mais seriamente sobre o desempenho, no último quarto de século, da agropecuária e da indústria vinculada ao campo. Nesse período a produção aumentou bem mais que a área ocupada pela agropecuária. Ao mesmo tempo, o setor se consolidou como um dos mais competitivos do mundo. No entanto, a agropecuária brasileira é uma das menos subsidiadas, e a diferença se torna muito clara quando a comparação envolve o mundo rico.

Os números têm variado ano a ano, mas, pelos últimos levantamentos, os subsídios agrícolas proporcionam, em média, 17% da renda do produtor, em todo o mundo. As proporções têm estado entre 20% a 25% na União Europeia e na China e em torno de 12% nos Estados Unidos. No Brasil, têm ficado próximos de 5%.

Recursos naturais são parte da explicação, mas a pesquisa e a absorção de tecnologia têm sido os principais fatores de aumento da eficiência no campo brasileiro. É indispensável manter o esforço de modernização, mas o caminho é conhecido. O governo petista chegou a tentar o aparelhamento e a politização da pesquisa, mas houve resistência e pelo menos nessa área a manobra foi de curto alcance.

Mais empenhado em acompanhar os melhores padrões internacionais, o agronegócio tem avançado com limitada ajuda oficial – crédito apenas suficiente, preços mínimos e grande contribuição dos organismos de pesquisa. Na indústria, a interferência governamental, com protecionismo e ampla distribuição de favores, foi insuficiente para produzir inovação e ganhos de competitividade. O governo pode, é claro, fazer mais pelo agronegócio. Uma das tarefas urgentes é promover investimentos em logística. Neste ano, a Confederação Nacional dos Transportes classificou como inadequados 58,2% dos trechos de rodovias examinados em sua pesquisa periódica. Cuidar de problemas como esse rende muito mais que distribuir favores fiscais e financeiros, como fez o PT durante anos.

Exportação de soja renderá mais em 2017. Fernando Lopes. Valor Econômico, 15/12/2016.

Em queda nos últimos anos, a receita das exportações de soja e derivados (farelo e óleo) do país deverá voltar a aumentar em 2017. Conforme estimativas divulgadas ontem pela

Associação Brasileira das Indústrias de Óleos Vegetais (Abiove), o valor conjunto poderá alcançar US\$ 27,6 bilhões no ano que vem, 9,9% mais que o total previsto para 2016 - US\$ 25,1 bilhões, 10,3% a menos que em 2015.

Como de costume, as vendas serão lideradas pelo grão. Conforme a Abiove, os embarques da matéria-prima deverão render US\$ 21,5 bilhões, aumento de 12,2% em relação à projeção para 2016 (US\$ 19,1 bilhões, 8,8% menos que em 2015). Esse incremento reflete a melhor perspectiva para o volume de vendas, que poderá chegar a 58 milhões de toneladas, já que a entidade projeta o mesmo preço médio deste ano: US\$ 370 por tonelada

Para as exportações de farelo de soja, a Abiove estima receita de US\$ 5,115 bilhões em 2017, 2,2% acima de 2016, fruto de um volume de 15,5 milhões de toneladas, 8,4% maior, mas de um preço médio 5,7% mais baixo, de US\$ 330 a tonelada. No caso do óleo, a receita prevista é de US\$ 986 milhões, 4,3% superior ao montante projetado para este ano e proveniente de um volume de vendas similar ao de 2016 (1,35 milhão de toneladas) mas de um preço médio mais elevado (730 por tonelada).

Ainda que a oferta global de soja tenda a crescer nesta safra 2016/17, em fase de colheita no Hemisfério Norte e de plantio abaixo da linha do Equador, Carlo Lovatelli, presidente da Abiove, lembrou que a demanda pela oleaginosa - e por seus derivados - está aquecida. O cenário anima o dirigente inclusive a pressionar um pouco mais o governo a abrir novos mercados para o produto brasileiro no exterior.

Segundo ele, países da Ásia como Coreia do Sul, Tailândia e Vietnã têm consumos elevados do grão e compram muito pouco do Brasil. E, conforme o presidente da Abiove, haveria espaço até para a negociação de uma cota para a exportação de farelo para a China, ainda que o país não importe o derivado e tenha atraído pesados investimentos para a expansão de seu próprio parque de processamento nos últimos anos. Para ele, essa cota poderia ser de até 5 milhões de toneladas por ano.

Se são melhores as perspectivas para as exportações, é igualmente mais positivo o cenário traçado pela Abiove para o mercado doméstico. Com a regularização da oferta interna de grãos, reflexo de uma colheita que tende a bater novo recorde após a quebra do ciclo 2015/16, a entidade, que projeta uma colheita de soja de 101,7 milhões, estima um aumento de 4,6% do processamento, para 41 milhões de toneladas.

Com isso, projeta a produção de farelo em 31,1 milhões de toneladas, 4,7% superior a de 2016 e a de óleo de soja em 8,1 milhões de toneladas, incremento de 3,8%. No caso do farelo, o avanço tende a ser puxado por uma maior demanda dos frigoríficos de aves e suínos, sobretudo no segundo semestre; no do óleo, pelo aumento do percentual da mistura obrigatória de biodiesel no diesel, de 7% para 8% a partir de março.

CNA defende fortalecer classe média rural do país. Site do CNA, 15/12/2016.

Fortalecer e ampliar a classe média rural vai acelerar o desenvolvimento do setor agropecuário de forma equilibrada e contribuir para a retomada do crescimento econômico do país.

A estratégia faz parte das ações prioritárias da Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA) e foi detalhada pelo presidente da entidade, João Martins, nesta quarta (14), em um seminário promovido pelo jornal Correio Braziliense para discutir os rumos do país em 2017.

Ao participar do painel “A base para a retomada do crescimento”, Martins destacou, em sua apresentação, uma série de fatores que, apesar da crise econômica e do impacto do clima nas lavouras, mostram como a agropecuária se destacou nos últimos anos.

O Produto Interno Bruto (PIB) do setor deve terminar o ano com crescimento entre 2,5% e 3%. A participação da agropecuária na economia brasileira subirá de 21,5%, em 2015, para 23% ao final de 2016. E as exportações de 46% para 48%, com o agronegócio fechando o ano com saldo positivo na geração de novos postos de trabalho.

“Embora seja o único setor da economia em crescimento e tenha sustentado seguidos superávits da balança comercial e o abastecimento interno, a agropecuária brasileira não está imune à crise enfrentada pelo país”, afirmou Martins.

Para alcançar o objetivo de fortalecer a classe média rural, a CNA defende algumas ações prioritárias: lei agrícola mais consistente, prioridade ao seguro rural e investimentos em infraestrutura e logística para melhorar a competitividade no mercado internacional, além de uma assistência técnica eficiente para levar tecnologia ao médio produtor.

“O produtor rural é imbatível na eficiência da porteira para dentro da propriedade, mas quando sai enfrenta dificuldades para escoar sua produção”, afirmou Martins.

As medidas ajudariam não só a movimentar os elos da agropecuária brasileira como seriam fundamentais para tirar o Brasil da crise ao promover a melhoria dos indicadores econômicos e sociais.

PEC dos Gastos – O seminário também reuniu o ministro da Fazenda, Henrique Meirelles, e o secretário-executivo do Programa de Parceria de Investimentos (PPI), Moreira Franco.

Meirelles falou sobre as perspectivas para 2017 e comemorou a aprovação, pelo Congresso Nacional, da proposta que, pela primeira vez, incorporou na Constituição um teto para os gastos públicos. Segundo ele, até então, havia apenas cortes temporários de despesas e aumentos permanentes de impostos.

PIB do Agronegócio cresceu 4% de janeiro a setembro de 2016. Site do CNA, 16/12/2016.

O Produto Interno Bruto (PIB) do agronegócio cresceu 4% nos primeiros nove meses de 2016, segundo dados da Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA), em parceria com o Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (Cepea), da Esalq/USP.

O setor agrícola acumulou alta de 4,97% e a pecuária outros 1,92%. Tanto a agricultura quanto a pecuária tiveram aumento real dos preços no período. O fato contribuiu decisivamente para o desempenho positivo dos dois setores entre janeiro e setembro deste ano.

Em setembro o setor agrícola continuou com índices satisfatórios. A produção primária cresceu 0,80%, serviços, 0,73%, indústria, 0,55% e insumos, 0,02%.

Na pecuária os números também foram positivos. Os insumos cresceram 0,78%, indústria 0,20%, serviços 0,28% e primário 0,50%.

Os setores que formam o PIB do agronegócio apresentaram bom desempenho, entre janeiro e setembro de 2016: insumos, 3,32%; básico, 5,60%; indústria, 2,66%; e serviços 3,90%.

As pistas estão no agronegócio. Site da ABAG, 16/12/2016.

Sinais de recuperação, ainda escassos em outros setores, aparecem bem mais claramente na atividade do campo

A melhora da economia brasileira em 2017, depois de dois anos de recessão, pode começar pelo campo, com uma safra de grãos de 213,1 milhões de toneladas – se o tempo, como se espera, for favorável. Sinais de recuperação, ainda escassos em outros setores, aparecem bem mais claramente na atividade do campo. Se as previsões se confirmarem, os produtores, com mais dinheiro, poderão dar um bom impulso aos negócios, inicialmente no interior e depois em toda a cadeia de circulação de bens e serviços. Além disso, a maior oferta de alimentos e matérias-primas garantirá preços mais estáveis e previsíveis, mas esse efeito dependerá também do desempenho de outros tipos de lavouras e da pecuária. A colheita prevista para a safra 2016-2017 será 14,2% maior que a da temporada anterior, pelos números da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), subordinada ao Ministério da Agricultura. Esse aumento compensará com alguma folga o recuo do ano anterior, quando a produção, de 186,6 milhões de toneladas, prejudicada pelas condições do tempo, foi 10,6% menor que a de 2014-2015.

Aumentar a eficiência da economia nacional será um dos principais desafios para os governantes nos próximos anos. Também o agronegócio precisará de mais investimentos, mas o setor já se distingue há muito tempo como o mais competitivo do Brasil. Em 2016, como ocorre há um bom tempo, as exportações de alimentos e outros produtos originários do campo têm sido o pilar mais importante do comércio exterior.

De janeiro a outubro, o agronegócio embarcou mercadorias no valor de US\$ 73,1 bilhões. Embora o valor tenha sido 2,2% menor que o de um ano antes, o desempenho foi suficiente para garantir um superávit de US\$ 62,1 bilhões. Isso foi mais que suficiente para cobrir o déficit acumulado em outros segmentos e ainda garantir ao País um saldo positivo de US\$ 38,5 bilhões. Houve sem dúvida alguma contribuição do setor de manufaturados para a recuperação da balança comercial, mas o agronegócio continuou no papel principal.

Para remontar a política nacional de desenvolvimento, os governantes deveriam refletir mais seriamente sobre o desempenho, no último quarto de século, da agropecuária e da indústria vinculada ao campo. Nesse período a produção aumentou bem mais que a área ocupada pela agropecuária. Ao mesmo tempo, o setor se consolidou como um dos mais

competitivos do mundo. No entanto, a agropecuária brasileira é uma das menos subsidiadas, e a diferença se torna muito clara quando a comparação envolve o mundo rico.

Os números têm variado ano a ano, mas, pelos últimos levantamentos, os subsídios agrícolas proporcionam, em média, 17% da renda do produtor, em todo o mundo. As proporções têm estado entre 20% a 25% na União Europeia e na China e em torno de 12% nos Estados Unidos. No Brasil, têm ficado próximos de 5%.

Recursos naturais são parte da explicação, mas a pesquisa e a absorção de tecnologia têm sido os principais fatores de aumento da eficiência no campo brasileiro. É indispensável manter o esforço de modernização, mas o caminho é conhecido. O governo petista chegou a tentar o aparelhamento e a politização da pesquisa, mas houve resistência e pelo menos nessa área a manobra foi de curto alcance.

Mais empenhado em acompanhar os melhores padrões internacionais, o agronegócio tem avançado com limitada ajuda oficial – crédito apenas suficiente, preços mínimos e grande contribuição dos organismos de pesquisa. Na indústria, a interferência governamental, com protecionismo e ampla distribuição de favores, foi insuficiente para produzir inovação e ganhos de competitividade. O governo pode, é claro, fazer mais pelo agronegócio. Uma das tarefas urgentes é promover investimentos em logística. Neste ano, a Confederação Nacional dos Transportes classificou como inadequados 58,2% dos trechos de rodovias examinados em sua pesquisa periódica. Cuidar de problemas como esse rende muito mais que distribuir favores fiscais e financeiros, como fez o PT durante anos.

CENÁRIOS-Recuperação das lavouras deve garantir boa performance do agronegócio em 2017. Site da ABAG, 16/12/2016.

A economia do agronegócio brasileiro deverá ter um ano positivo em 2017, com crescimento da receita e dos negócios com commodities em função de uma safra recorde que beneficia as exportações e a produção de proteína animal no país, além de uma possível recuperação do poder de compra dos consumidores, disseram especialistas e lideranças do setor.

O grande motor da economia agropecuária do país no próximo ano deverá ser uma safra recorde de grãos que atingirá 213 milhões de toneladas no ciclo 2016/17, cujas colheitas começam já no primeiro trimestre do ano que vem. Se confirmada, a produção de grãos, puxada por soja e milho, será 14 por cento maior que a registrada na temporada anterior, quando a seca afetou fortemente as produtividades, especialmente do cereal.

"Na contramão da economia brasileira, o agronegócio aponta para um desempenho positivo em 2017 por causa do horizonte de melhora da receita agrícola (das lavouras). Temos pela frente preços relativamente estáveis... e temos o aumento da produção de grãos", disse o sócio-diretor da consultoria MacroSector, Fábio Silveira.

Outro segmento que poderá contribuir com os resultados do agronegócio é o da produção de açúcar. Apesar de uma possível safra menor de cana no centro-sul, principal região de plantio, as usinas deverão elevar o volume fabricado do adoçante. Consultorias estimam também que um grande volume de negócios já foi fechado para entrega ao longo de 2017, com vendas a preços bastante elevados.

A entrega de fertilizantes para produtores rurais em 2016 até novembro apresenta alta de 11 por cento e caminha para fechar o ano com volume recorde. O maior uso de adubos é um forte indicativo de investimento dos agricultores em tecnologia e de boas produtividades na nova safra.

Entre produtores de aves e suínos também há otimismo, especialmente devido à maior oferta de milho, principal ingrediente da ração, que teve o abastecimento prejudicado ao longo de 2016 após fortes exportações e uma quebra da safra de inverno.

A Associação Brasileira de Proteína Animal (ABPA), que reúne as grandes empresas de aves e suínos, projeta um crescimento de 3 a 5 por cento na produção de carne de frango no país em 2017 e de 2 por cento na produção de carne suína.

Já no setor de carne bovina, "a gente deve ter uma oferta maior de carne e boi no ano que vem, por conta do ciclo da pecuária e da diminuição do número de animais confinados", projetou o presidente da Associação Brasileira das Indústrias Exportadoras de Carne (Abiec), Antônio Camardelli, sem detalhar uma previsão de volume de produção para 2017.

Apesar de grande exportador de carnes, o Brasil depende do seu mercado interno para absorver a maior parte da produção de bovinos, aves e suínos. Em todos esses setores as

vendas foram prejudicadas em 2016 por uma perda do poder de compra dos consumidores em um cenário de recessão, aumento do desemprego e inflação.

"No mercado brasileiro, a possível recuperação econômica poderá influenciar os níveis de consumo de proteínas, melhorando a oferta interna e reestabelecendo patamares (de consumo) per capita semelhantes aos de 2015", disse o presidente da ABPA, Francisco Turra.

Especialistas também disseram que a melhora na condição financeira de empresas e famílias deverá aumentar o volume de depósitos bancários à vista e provocar queda do endividamento, o que poderia gerar crescimento na oferta de crédito rural.

CÂMBIO E INCERTEZAS POLÍTICAS

Apesar de uma perspectiva sólida de aumento de produção nas fazendas, ainda há incertezas sobre outros fatores que afetam diretamente o agronegócio, como o câmbio e a política.

"Hoje a questão política tem um peso extraordinário nas questões econômicas. Estamos vivendo uma crise política de uma dimensão impressionante. O fator mais difícil para 2017 é a imprevisibilidade", disse o presidente da Associação Brasileira do Agronegócio (Abag), Caio Carvalho.

Economistas de instituições financeiras estimam que a inflação do país (IPCA) deverá cair para 4,90 por cento em 2017 ante 6,52 em 2016 e que o Produto Interno Bruto (PIB) do país crescerá 0,7 por cento no ano que vem, ante retração de 3,48 por cento no fechamento deste ano.

"O agronegócio tem um cenário bem satisfatório para um ano em que a economia (do país) vai andar de lado. Não é que o agronegócio vai ficar imune, é que ele tem um pouco de regras próprias", avaliou Silveira, da MacroSector.

Um dos fatores que mais influencia a receita de produtores e indústrias do setor agropecuário é o câmbio, já que os principais produtos são commodities com preço atrelado ao mercado internacional.

"Se tiver uma desvalorização rápida na nossa moeda, nosso preço pode subir. A probabilidade de isso acontecer é menor, mas pode acontecer. Câmbio é algo para se ficar atento", disse o vice-presidente-executivo da entidade, Ariovaldo Zani, destacando que

uma subida inesperada nos preços de grãos poderia ser benéfica para agricultores, mas prejudicar produtores de aves, suínos e confinadores bovinos, além de sacudir a previsão financeira das grandes tradings.

De acordo com a pesquisa Focus, o dólar, que deverá fechar 2016 em 3,39 reais, poderá encerrar 2017 em 3,45 reais. Na opinião com os especialistas em agronegócio, este patamar cambial deverá ser suficiente para garantir boa rentabilidade ao setor.

"Em termos de preços (em reais) não vejo grandes elevações. Os volumes (produzidos) farão a diferença", completou Silveira.

Crescem os desembolsos de crédito rural. Cristiano Zaia. Valor Econômico, 19/12/2016.

Os desembolsos totais de crédito rural parecem ter finalmente engatado uma marcha de recuperação mais consolidada nesta safra 2016/17, que teve início em julho. Em novembro, cresceram 9,4% em relação ao mesmo mês do ano passado e alcançaram R\$ 15,1 bilhões, conforme dados do Banco Central.

O salto embutiu um importante impulso nos financiamentos tomados com juros livres, que aumentaram 42% na comparação, para R\$ 2 bilhões. Essa tem sido uma opção mais recorrente de médios e grandes produtores e, apesar de mais cara, envolve recursos próprios captados pelos bancos e não incluem subsídios públicos. Quem mais opera com taxas livres são os bancos privados, que também seguiram ampliando suas carteiras de crédito rural em novembro. Concederam R\$ 4,7 bilhões no mês, 46,8% mais que em novembro de 2015. E os financiamentos a juros livres foram puxados pelas Letras de Crédito do Agronegócio (LCAs), que irrigaram o setor com R\$ 1,3 bilhão, mais que o dobro que em novembro de 2015.

As LCAs são títulos financeiros isentos de imposto de renda, cujas captações são destinadas a operações de crédito rural geralmente a taxas livres. Na atual temporada (2016/17), o governo resolveu estimulá-las ainda mais, criando uma modalidade de crédito com base nessas letras que conta com taxas controladas de 12,75% ao ano. Somente para essa "novidade" já houve demanda de R\$ 901,2 milhões em novembro.

No caso dos bancos públicos - nos quais se insere o Banco do Brasil, líder no segmento crédito rural no país -, os desembolsos alcançaram R\$ 8,5 bilhões no mês passado, com

queda de 2%. Só o BB amargou retração de 8%, para R\$ 7 bilhões nos desembolsos em suas linhas. Mas, em contrapartida, havia comemorado boa demanda por crédito para o pré-custeio da safra no primeiro semestre deste ano, o que reduziu e distribuiu melhor a demanda por custeio no segmento agropecuário no início do ciclo atual.

A queda nas contratações junto aos bancos públicos em novembro é um reflexo claro desse melhor equilíbrio. Mas, de maneira geral, as contratações de crédito rural para custeio, incluindo todos os bancos, registraram crescimento da ordem de 1%, para R\$ 8,6 bilhões. "Esse movimento do agronegócio pegando mais recursos livres é o que vai prevalecer na nova política agrícola. Já é a silhueta dos próximos Planos Safra do governo]", avalia o consultor Ademiro Vian, ex-diretor da Federação Brasileira de Bancos (Febraban).

Se, no geral, houve melhora nas contratações de financiamentos rurais em novembro, no acumulado dos primeiros cinco meses do ciclo 2016/17 (julho a novembro) o volume de crédito liberado ainda apresentou queda de 6,5% em relação ao mesmo período da temporada passada, para R\$ 68,2 bilhões. Mas, mesmo assim, o volume de desembolsos com recursos a juros livres registrou aumento de 68% para R\$ 10,6 bilhões.

Produção de cana deverá ter aumento de 4,4% em relação à safra passada - ATUALIZADA ÀS 12:22. Site da CONAB, 20/12/2016.

A produção de cana-de-açúcar deverá chegar a 694,54 milhões de toneladas, de acordo com o 3º Levantamento da Safra 2016/2017, divulgado nesta terça-feira (20) pela Companhia Nacional de Abastecimento (Conab). Isso representa um crescimento de 4,4% em relação à safra anterior, que foi de 665,59 milhões de t. A área a ser colhida está estimada em 9,1 milhões hectares, aumento de 5,3% se comparada com a safra 2015/16, que foi de 8,6 milhões de hectares.

A produção de açúcar deverá atingir 39,8 milhões de toneladas, 18,9% superior à safra 2015/16, que foi de 33,5 milhões de t. Já a produção de etanol deve recuar 8,5% em relação à safra anterior, de 30,5 bilhões de litros, ficando em 27,9 bilhões de litros. A tendência se deve a maior rentabilidade do açúcar.

No caso do etanol anidro, utilizado na mistura com a gasolina, sua produção deverá ter um aumento de 1,5%, alcançando 11,4 bilhões de litros, impulsionado pelo aumento do

consumo de gasolina em detrimento ao etanol hidratado. Na safra anterior, essa quantidade foi de 11,2 bilhões de litros. O etanol hidratado deverá atingir a produção de 16,5 bilhões de litros, redução de 14,3% ou 2,8 bilhões de litros, comparado à safra passada, que foi de 19,2 bilhões de litros, resultado do menor consumo deste combustível.

No Sudeste, deverá haver um aumento da área. As chuvas atrasaram a colheita da safra anterior e houve o aumento da quantidade de cana bisada para a atual safra, refletindo num aumento de 7,1% na produção total. As produtividades foram excelentes na safra anterior e as expectativas também são boas para esta safra.

O Centro-Oeste também deverá apresentar um aumento de área colhida em relação à safra passada. Nesta região também houve produtividades muito favoráveis na safra anterior. Entretanto, nesta safra, as chuvas foram reduzidas, o que deve impactar numa redução de produtividade na ordem de 9,5% e e recuo de 3,9% na produção.

No Nordeste, deve haver diminuição da área colhida nessa safra e aumento de produtividade. Isso se deve, entre outras coisas, a uma recuperação em relação ao déficit hídrico na safra passada.

Região Sul apresenta maior aumento percentual de área no país. O Paraná deve colher, nesta safra, a cana bisada, que é a que sobrou da safra anterior. E na Região Norte, responsável por menos de 1% da produção nacional, a área cultivada aumentou, a exemplo dos últimos anos. Apesar disso, a produtividade teve redução, nesta safra, em face das más condições climáticas para o desenvolvimento do canavial.

Safra de cana-de-açúcar deve aumentar 4,4%. Site do MAPA, 20/12/2016.

Mas a oferta de etanol será menor, já que os preços do açúcar estão melhores

A produção de cana-de-açúcar deverá aumentar 4,4% e chegar a 694,54 milhões de toneladas na Safra 2016/2017, de acordo com o terceiro levantamento divulgado nesta terça-feira (20) pela Companhia Nacional de Abastecimento (Conab). Na safra anterior foram colhidas 665,59 milhões de toneladas. A área plantada também está maior, sendo estimada em 9,1 milhões hectares, 5,3% a mais do que na Safra 2015/16, que foi de 8,6 milhões de hectares.

A maior rentabilidade proporcionada pelo açúcar irá repercutir em aumento de 18,9% na produção, devendo alcançar 39,8 milhões de toneladas, enquanto a produção de etanol deve recuar 8,5%, ficando em 27,9 bilhões de litros.

No caso do etanol anidro, utilizado na mistura com a gasolina, a produção deverá aumentar 1,5%, alcançando 11,4 bilhões de litros, impulsionado pelo aumento do consumo de gasolina em detrimento do etanol hidratado. Na safra anterior, foram 11,2 bilhões de litros.

O etanol hidratado deverá atingir 6,5 bilhões de litros, com redução de 14,3% ou de 2,8 bilhões de litros, na comparação com a última safra, que chegou a 19,2 bilhões de litros. A redução é explicada pela queda de consumo do combustível.

No Sudeste, é estimado aumento da área plantada. As chuvas atrasaram a colheita da safra anterior ocasionando aumento da quantidade de cana bisada em 7,1% na participação do total da produção. A produtividade foi excelente, na safra anterior, e as expectativas também são boas nesta nova safra.

O Centro-Oeste também deverá apresentar aumento da área. Nessa região, onde a produtividade foi muito positiva na safra anterior, nesta safra, a diminuição da chuva, deve impactar em menor produtividade, na ordem de 9,5%, e em recuo de 3,9%, na produção.

No Nordeste, deve haver diminuição da área de colheita e aumento de produtividade, o que se deve, entre outras coisas, à recuperação em relação ao déficit hídrico da última safra.

A Região Sul apresenta o maior aumento percentual de área plantada. O Paraná deve colher a cana bisada. E a Região Norte, responsável por menos de 1% da produção nacional, deve ter aumento da área cultivada, o que tem acontecido de uns anos para cá. Mas a produtividade tende a cair, em função das condições climáticas.

Mapa negocia recursos externos para fortalecer defesa agropecuária. Site do MAPA, 20/12/2016.

Verba será destinada ao controle das moscas das frutas, a laboratórios e a programas sanitários

O Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento está negociando junto ao Ministério do Planejamento pedido de linha de crédito de R\$ 1,2 bilhão, junto ao Banco Mundial (Bird) ou ao Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID). Os recursos serão destinados à implementação do Plano de Defesa Agropecuária.

Segundo o secretário de Defesa Agropecuária, Luis Rangel, os recursos deverão ser repassados em três parcelas anuais de R\$ 400 milhões. É a primeira vez que o Mapa busca recursos internacionais para realizar projetos de estruturação da defesa agropecuária.

O dinheiro será destinado ao fortalecimento dos laboratórios oficiais; reforço dos sistemas de defesa agropecuária; projetos de controle das moscas das frutas; gestão das áreas de fronteira; programas de controle da aftosa, da peste suína clássica e da tuberculose e brucelose bovinas. Também será direcionado para a melhoria do Sistema de Vigilância Agropecuária Internacional (Vigiagro) e a revisão das normas da defesa agropecuária.

Conforme Rangel “esse é o momento de novos investimentos na defesa, para que o Mapa faça frente aos desafios dos próximos dez anos, entre eles o de ocupar 10% do mercado agrícola mundial”.

Bancos poderão direcionar LCA a investimento rural com taxa de 12,75%. Cristiano Zaia. Valor Econômico, 21/12/2016.

O Conselho Monetário Nacional autorizou hoje as instituições financeiras a direcionarem 40% de suas captações com Letras de Crédito do Agronegócio (LCA) também para operações de crédito rural de investimento a taxas controladas de 12,75% ao ano. A regra vale a partir de 1º de janeiro de 2017.

Antes da norma, os bancos podiam redirecionar o mesmo percentual de suas emissões com LCA a taxas controladas apenas para operação de custeio. Trata-se de nova regra criada pelo governo no atual Plano Safra em vigor (2016/17) com o intuito de proporcionar que esses títulos sejam direcionados a financiamentos ao agronegócio com taxa fixa. As LCAs sempre foram destinadas para crédito rural, mas ofertadas a taxas livres mais altas.

Em outra decisão, o CMN também definiu que apenas agricultores familiares que tomarem crédito no âmbito do Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (Pronaf) poderão contratar o Programa de Garantia da Atividade Agropecuária

(Proagro) sem a necessidade de se enquadrarem no sistema de zoneamento agrícola - espécie de mapa dos municípios brasileiros aptos a plantar com riscos baixos de perda de safra.

A dispensa de zoneamento, no entanto, só será permitida se o produtor comprovar que usa algum tipo de assistência técnica e extensão rural. O Proagro funciona como um seguro rural e é bancado por recursos orçamentários do governo federal, administrados pelo Banco Central.

Safra de café fecha o ano com produção recorde de 51,37 milhões de sacas. Site da CONAB, 22/12/2016.

A produção brasileira de café chegou a 51,37 milhões de sacas de 60 quilos do produto beneficiado em 2016, somados arábica e conillon. Os números estão no quarto e último levantamento da atual safra, divulgado nesta quinta-feira (22) pela Companhia Nacional de Abastecimento (Conab). De acordo com o estudo, o volume representa um acréscimo de 18,8%, quando comparado com a produção de 43,24 milhões de sacas obtidas no ciclo anterior e representa recorde histórico. A maior safra até hoje havia sido registrada em 2014: 50,8 milhões de sacas.

A área total plantada no país teve leve redução, com decréscimo de 1,1% em relação à 2015, totalizando 2,22 milhões de hectares. No entanto, houve ganho representativo de produtividade. A média de 26,33 sc/ha é 17,1% superior à da safra passada. As condições climáticas favoráveis nas principais regiões produtoras de arábica, aliadas ao ciclo de bienalidade positiva, favoreceram as lavouras e justificam os ganhos de produtividade na maioria dos estados. Os maiores ganhos são observados em São Paulo, com 46,7%, Mato Grosso, com 39,4% e Minas Gerais, com 32,2%.

O café arábica ainda domina as lavouras de café no país, representando 84,4% da produção total do grão com uma produção de 43,38 milhões sacas. Esse resultado demonstra um crescimento de 35,4% em relação à safra anterior e se justifica pelo aumento de 46 mil hectares da área em produção, incluindo a incorporação de novas áreas que se encontravam em formação e renovação, além das condições climáticas mais favoráveis.

A produção do conilon, que representa 15,6% do total de café do país, está estimada em 7,98 milhões de sacas, com redução de 28,6% na comparação com a safra passada. Nesse caso, houve diminuição de 4% na área em produção e problemas climáticos pontuais, como seca e má distribuição de chuvas por dois anos consecutivos no Espírito Santo, maior produtor de café conilon no país. Em Rondônia e na Bahia, também produtores da espécie, ocorreu estiagem nas fases críticas das lavouras. No entanto, no caso de Rondônia, a quebra de produtividade foi amenizada pela entrada de novas áreas de café clonal, cuja produtividade é superior às tradicionais.

Conab libera calendário dos levantamentos de safras de 2017. Site da CONAB, 22/12/2016.

O calendário 2017 das estimativas das safras de grãos, café e cana-de-açúcar projetadas pela Companhia Nacional de Abastecimento (Conab) já está disponível no site da estatal. O cronograma estabelece as datas das previsões da safra atual e do início do próximo ciclo de produção.

No caso dos grãos, a Conab realiza 12 projeções, que vão de outubro de um ano a setembro do ano seguinte. Para o café, são quatro acompanhamentos, nos meses de janeiro, maio, setembro e dezembro, e três estimativas para a safra de cana-de-açúcar no ano, em abril, agosto e dezembro.

De acordo com a tabela, o 4º levantamento da safra 2016/ 2017 de grãos será divulgado no dia 10 de janeiro, seguido pelo 1º levantamento da safra 2017 de café, no dia 17 do mesmo mês. Já o fechamento da safra 2016/2017 e o 1º levantamento da safra 2017/2018 de cana ocorrerão em abril, nos dias 13 e 18 respectivamente.

2016, o ano da ampliação de mercados para o agronegócio brasileiro. Site do MAPA, 23/12/2016.

Mapa também lançou o Agro+, plano de desburocratização que visa facilitar as atividades do setor

O Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa) termina 2016 com avanços expressivos para o agronegócio brasileiro. Entre os principais, estão a

desburocratização, a abertura e ampliação de mercados, o fortalecimento da política de sanidade agropecuária, a modernização do seguro rural, a expansão das ações de sustentabilidade ambiental e a transparência no diálogo com o setor rural.

No comércio exterior, 2016 possibilitou a conclusão do acordo para abertura do mercado dos Estados Unidos à carne bovina in natura brasileira. O ano foi marcado também pelo lançamento do Agro+, plano voltado à desburocratização das normas e dos procedimentos do Ministério da Agricultura, a fim de tornar mais ágil as exportações e reforçar a eficiência no atendimento à cadeia produtiva agropecuária.

“Tivemos a felicidade de fechar o acordo para exportar carne bovina in natura para os Estados Unidos, durante reunião em Washington, no final de julho”, lembra o ministro Blairo Maggi. A conclusão da negociação, que já durava 17 anos, foi oficializada em cerimônia no Palácio do Planalto, com a presença do presidente Michel Temer, do ministro das Relações Exteriores, José Serra, e da embaixadora dos EUA no Brasil, Liliana Ayalde.

Durante a solenidade, no início de agosto, houve troca das Cartas de Reconhecimento de Equivalência dos Controles de Carne Bovina, por meio das quais os dois países liberaram o comércio do produto. Com isso, tanto o Brasil pode vender carne in natura para os norte-americanos quanto eles podem exportar o produto para cá. Neste segundo semestre, frigoríficos brasileiros já fizeram embarques para aquele mercado.

Conquista de mercados

De acordo com Maggi, a conclusão do acordo com os EUA – maiores produtores e consumidores mundiais de carne bovina in natura – não representa apenas o reconhecimento da qualidade e da segurança sanitária do produto brasileiro. Serve ainda, segundo o ministro, como uma espécie de passaporte para abrir outros mercados, porque os EUA são um dos mais exigentes compradores de carne bovina in natura do mundo.

Em busca de novos mercados e da ampliação daqueles que já são clientes do agronegócio brasileiro, o Mapa promoveu 22 missões de alto nível à Europa, ao Oriente Médio e ao Sudeste Asiático. A maior delas, no segundo semestre, incluiu China, Índia, Coreia do Sul, Myanmar, Malásia, Tailândia, Vietnã e Dubai. Outras importantes negociações foram feitas durante visitas à Itália, Rússia, Inglaterra, Suíça, Armênia, a Israel e ao Japão.

Além do comércio de produtos como carnes bovina, de aves e suína, lácteos, gado vivo, material genético, frutas e matéria-prima para ração, as missões tiveram como objetivo atrair investimentos e estabelecer cooperação científica. Somente com a Índia, o Mapa garantiu US\$ 400 milhões para a instalação de uma fábrica de agroquímicos no Brasil e US\$ 100 mil para pesquisa com leguminosas (lentilhas e grão de bico), por meio de acordo com a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa).

As missões fazem parte da estratégia do Mapa de elevar de 6,9% para 10% a participação do Brasil no comércio agrícola mundial em cinco anos. Para tanto, o país quer expandir a base exportadora com a diversificação de produtos e de mercados e aumentar os embarques de mercadorias de maior valor agregado. De janeiro a novembro deste ano, as exportações agrícolas brasileiras somaram US\$ 66,7 bilhões. Do total, 71,9% corresponderam a vendas dos complexos soja e sucroalcooleiro e carnes.

Competitividade e sanidade

A conquista e manutenção de mercados exige que o país esteja preparado para atendê-los não só com excedentes exportáveis, mas também com um sistema que permita ao setor agrícola escoar a produção de forma rápida, ganhando, assim, mais competitividade no cenário global. Para remover a burocracia, o Mapa lançou em agosto deste ano o Agro+, coordenado pelo secretário-executivo Eumar Novacki. O plano visa a solucionar cerca de 280 demandas apresentadas por uma centena de entidades representativas do agronegócio.

Até agora, o Mapa resolveu ou encaminhou cerca de 120 demandas. Entre elas, estão revogação, ajustes ou edição de atos normativos, atualização de sistemas informatizados e capacitação de pessoal. Também foi criada, por meio do Agro+, uma força-tarefa para rever o Regulamento de Inspeção Industrial e Sanitária Animal (Riispoa), regimento originário da década de 1950, cuja publicação atualizada deve ocorrer nos primeiros meses de 2017. Além disso, foi enviada à Casa Civil da Presidência da República anteprojeto de lei alterando o Decreto-Lei nº 24.114 (Regulamento de Defesa Sanitária Vegetal), datado de 12 de abril de 1934.

Estimativas do setor produtivo indicam que o Agro+ deve resultar em economia de R\$ 1 bilhão por ano ao agronegócio brasileiro. O governo federal está incentivando os estados a terem versões do plano. O Rio Grande do Sul criou recentemente o Agro+ RS e outras cinco unidades da Federação já anunciaram o lançamento de planos semelhantes para os

primeiros meses de 2017. Mato Grosso, um dos principais polos agrícolas do país, está entre os estados que terão o Agro+ regional.

Na área de defesa agropecuária, foram destinados R\$ 27 milhões para convênios com 17 estados e com o Distrito Federal. Os primeiros beneficiados foram Mato Grosso, Santa Catarina, Tocantins, Acre, Mato Grosso do Sul e DF, que receberam, juntos, R\$ 14,3 milhões. Outros R\$ 13 milhões foram reservados para Goiás, Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte, Minas Gerais, Alagoas, Amazonas, Bahia, Paraná, Rio Grande do Sul, Ceará e Rondônia.

Ainda no setor de defesa agropecuária, o Mapa repassou, pela primeira vez, recursos para o controle das moscas das frutas. Receberam verba Pernambuco, Amapá, Roraima e Bahia. O Mapa destinou R\$ 2,68 milhões para o programa sanitário neste ano. Houve ainda aprovação inédita de 240 pedidos de registro de defensivos agrícolas e de medicamentos veterinários. O recorde anterior foi a aprovação de 204 produtos.

Apoio ao produtor rural

Outra ação importante foi o fortalecimento do Programa de Produção Integrada de Sistemas Agropecuários em Cooperativismo e Associativismo Rural (Pisacoop), que dissemina tecnologias de produção sustentáveis e de gestão da propriedade rural e incentiva a adoção de mecanismos de cooperação para organização dos produtores. O objetivo do Pisacoop é estimular o desenvolvimento socioeconômico por meio do cooperativismo, gerando emprego, renda e melhoria da qualidade de vida dos agricultores.

O Mapa também destinou neste ano R\$ 8 milhões para aquisição de kits de irrigação para oito estados do Nordeste. Essa medida de apoio ao pequeno e médio produtor rural beneficia 12 mil famílias, que podem ampliar o uso de água, por meio da irrigação, na atividade agrícola.

O ministro Maggi também enfatizou a importância do apoio ao agricultor por meio do Plano Agrícola e Pecuário. No ciclo 2016/2017, os recursos destinados para custeio, comercialização e investimento somaram R\$ 183,1 bilhões. Além disso, o governo destinou R\$ 400 milhões ao Programa de Subvenção ao Prêmio do Seguro Rural (PSR). O pagamento da subvenção beneficiou cerca de 75 mil produtores rurais e permitiu a

cobertura para 5,5 milhões de hectares, cifras 80% superiores às alcançadas em 2015, com destaque para soja, milho 2ª safra, trigo, maçã e uva.

“O apoio à produção é fundamental para o Brasil ser hoje um dos principais polos agrícolas do mundo”, assinalou Maggi. “Graças a isso, conseguimos colher em 2016, ano em que os agricultores enfrentaram sérias adversidades climáticas, 186,6 milhões de toneladas de grãos. Se não houvesse apoio ao setor, o resultado seria muito ruim”, completou. A expectativa para 2017 é que a produção brasileira de grãos chegue a 213,1 milhões de toneladas em uma área plantada de 59,2 milhões de hectares.

Sustentabilidade ambiental

A produção brasileira de grãos cresce baseada em ganhos de produtividade. Ou seja, sem avanços expressivos da área plantada, o que é um dos indicadores da preocupação com a sustentabilidade ambiental, como o país tem demonstrado em fóruns internacionais como a COP22, a Conferência de Clima, no Marrocos, e a COP13, Conferência da Biodiversidade, no México.

Na COP13, Maggi e o ministro do Meio Ambiente, Sarney Filho, anunciaram a adesão do governo brasileiro ao Desafio de Bonn (“Bonn Challenge”) e à Iniciativa 20x20. Com isso, o Brasil declarou intenção de restaurar, reflorestar e promover a recuperação natural de 12 milhões de hectares de florestas até 2030. Com as ações desenvolvidas em 2016, o Mapa buscou consolidar ainda mais no cenário internacional a imagem do país como fornecedor de alimentos seguros e de alta qualidade, produzidos de forma sustentável.

Governo libera R\$ 100 milhões do seguro rural. Site do MAPA, 26/12/2016.

Valor refere-se à subvenção paga pelo governo para produtor enfrentar riscos climáticos nas culturas de grãos e frutas

O Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa) liberou nesta segunda-feira (26), mais R\$ 100 milhões do Programa de Subvenção ao Prêmio do Seguro Rural (PSR). O pagamento, realizado às seguradoras, que faz parte dos R\$ 400 milhões previstos no orçamento deste ano para esse fim, “permite que o ministério se mantenha absolutamente em dia com tal compromisso”, disse o secretário de Política Agrícola, Neri Geller. Ele observou que tem feito grande esforço junto ao Ministério da Fazenda para

viabilizar a execução e o pagamento de todo o orçamento previsto no programa, que é um dos que envolvem maior volume de recursos do Mapa.

Com a subvenção, o ministério paga parte do seguro adquirido pelo produtor, com margem que varia de 35% a 45% do valor do prêmio (preço). Os repasses às seguradoras estão sendo realizados dentro do cronograma previsto em contrato, no prazo de 90 dias após o recebimento da apólice.

Em reunião realizada com representante das seguradoras, em Brasília, o secretário de Política Agrícola destacou o esforço do Mapa para executar o programa e cobrou melhorias nos produtos de seguro ofertados. “É preciso avançar nas condições e preços”, defendeu.

O seguro rural, voltado principalmente para enfrentar os riscos climáticos, cobre culturas como as de grãos, soja, milho e trigo, além de frutas, como a maçã e a uva.

RORAIMA: Conab comercializa 2,43 mil toneladas de milho em 2016. Site da CONAB, 28/12/2016

A Companhia Nacional de Abastecimento (Conab) negociou 2,43 mil toneladas de milho em Roraima, somente em 2016, pelo Programa de Vendas em Balcão (ProVB). No período, foram realizados 1.231 atendimentos a criadores de pequeno porte de aves, suínos, bovinos, caprinos e ovinos e agroindústrias de pequeno porte de 15 municípios do estado.

Entre os atendidos, 358 são novos clientes e 66 recadastrados. Atualmente, a Conab em Roraima conta com mil toneladas de milho em grãos em estoque. No estado, o ProVB trabalha exclusivamente com milho em grãos, embalado em sacos de 50 kg, cujo preço variou no período entre R\$ 36 e R\$ 51,20 por saca.

O Programa de Vendas em Balcão tem como objetivo permitir que criadores e agroindústrias de pequeno porte tenham acesso aos estoques oficiais do governo por meio de vendas diretas, a preços compatíveis com os dos mercados atacadistas locais. Cada criador pode comprar até 10 toneladas por mês.

A Conab aceita documentos de outros órgãos de extensão rural ou das entidades de classe pertinente. No caso dos criadores de bovinos, também é necessária a apresentação de

comprovante de vacinação do rebanho contra a febre aftosa. O pagamento é realizado à vista, via Guia de Recolhimento da União (GRU). AS vendas de 2016 já estão encerradas.

Governo liberou mais de R\$ 51 bilhões em crédito rural em 2016. Site do MAPA, 29/12/2016

A cadeia produtiva de milho teve atenção especial do Mapa

Mesmo com problemas climáticos enfrentados em 2016 o saldo foi positivo para a agricultura, avaliou o secretário de Política Agrícola do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa), Neri Geller, ao fazer o balanço do ano. “Dos R\$ 183,1 bilhões programados para o atual Plano Agrícola e Pecuário, já foram contratados R\$ 57,1 bilhões até novembro, com destaque para o Moderfrota.” A vigência do plano vai até 30 de junho de 2017.

Quando o ministro Blairo Maggi assumiu o Mapa, em maio deste ano, o Plano Agrícola e Pecuário 2016/17 havia sido lançado, lembrou Geller, mas a troca de comando, que poderia impactar em mudanças na condução da política e no cronograma de execução das ações, como já aconteceu no passado, teve, ao contrário, resultado positivo. “Assim que assumimos, agilizamos a normatização das regras do crédito para que o agricultor pudesse ter o dinheiro na hora certa para comprar insumos e fazer o plantio”, disse o secretário. O produtor rural pôde acessar o crédito para o custeio da safra a partir de 1º de julho, data em que o plano entrou em vigor.

Problemas climáticos, no entanto, causaram danos à produção. A seca provocou perda de 20 milhões de toneladas de grãos neste ano. As principais regiões afetadas foram a do Matopiba – formada pelo Maranhão, Tocantins, Piauí e Bahia –, o Espírito Santo e estados do Nordeste. As lavouras de arroz do Rio Grande do Sul também tiveram sérios prejuízos. Em todos os casos, foi permitido renegociar as dívidas de custeio por até cinco anos, segundo o secretário.

O milho também exigiu atenção especial da Secretaria de Política Agrícola, porque é um insumo fundamental à agroindústria. Hoje, ressaltou Geller, o país produz entre 78 milhões a 80 milhões de toneladas. Cerca de 70% da produção é consumida no mercado interno. Para equilibrar os preços do grão e abastecer a indústria, o governo autorizou a importação

de milho do Mercosul e dos Estados Unidos. “A medida se mostrou acertada e hoje os preços do grão estão estabilizados.”

Moderfrota

O Plano Agrícola e Pecuário oferece ao setor agrícola várias linhas de financiamento, como o Moderinfra (irrigação), o Inovagro (inovação tecnológica), o PCA (armazenagem) e o Moderfrota (financiamento de colheitadeiras, plantadeiras, tratores e equipamentos). “Junto com o custeio, o carro-chefe do Plano Agrícola e Pecuário é o Moderfrota”, observou Geller.

Segundo o secretário, 60% dos recursos ofertados pelo Moderfrota já foram acessados. Assim, os R\$ 5 bilhões destinados ao programa são insuficientes. Por isso, a Secretaria de Política Agrícola anunciou aporte de mais R\$ 2,5 bilhões para atender à demanda. Os recursos extras serão remanejados de linhas de financiamento do Plano Agrícola com menor procura e devem estar disponíveis nos próximos dias.

“Isso vai dar ao nosso produtor capacidade de colheita eficiente e de plantio adequado, além de ajudar a economia do país, porque movimenta a indústria de colheitadeiras, tratores, máquinas, plantadeiras e gera empregos e renda”, salienta Geller.

Seguro

Quanto à execução do Programa de Subvenção ao Prêmio do Seguro Rural (PSR), o secretário lembra que este ano foram aplicados R\$ 400 milhões com o pagamento da subvenção federal. O valor representa 42% a mais do total executado em 2015. Foram beneficiados aproximadamente 75 mil produtores rurais, proporcionando cobertura para 5,5 milhões de hectares, cifras 80% superiores às alcançadas em 2015, com destaque para as culturas de soja, milho 2ª safra, trigo, maçã e uva.

“Vamos trabalhar para aumentar o valor dos recursos em 2017 e buscar a parceria das seguradoras para beneficiar o produtor rural, como a ampliação da cobertura e a melhoria dos serviços”, adianta o secretário.

Ele ressaltou ainda que os pagamentos do programa têm sido realizados em dia, ao contrário de anos anteriores, quando o atraso no repasse de recursos prejudicou o Programa do Seguro Rural. “Logo que assumimos a Secretaria de Política Agrícola, priorizamos os pagamentos que estavam atrasados.”

Geller se mostrou otimista em relação à atuação da secretaria. “Estamos satisfeitos porque o crédito está chegando ao produtor e conseguimos manter o seguro. Além disso, o ministro Blairo Maggi está fazendo um forte trabalho para abrir novos mercados ao agronegócio brasileiro. Não só com relação à exportação de grãos, mas de produtos com valor agregado, que geram mais divisas para o país e renda ao produtor rural”.

Após três anos, importações devem voltar a subir em 2017. Estadão, 31/12/2016.

Com o aumento das compras no exterior, superávit comercial deve ser menor que o projetado para este ano

Puxadas pela recuperação aguardada na economia, as importações devem voltar a subir em 2017 depois de três anos consecutivos em baixa – período no qual, sob o impacto da recessão, regrediram a patamares de 2009, quando a crise financeira internacional alcançou seu auge. Já as exportações, mesmo que cresçam, tendem variar menos do que as compras de produtos do exterior se as previsões do mercado estiverem, em sua maioria, corretas.

O resultado será um superávit inferior em US\$ 2 bilhões aos US\$ 47 bilhões previstos para este ano. Esse é, na mediana, o número considerado pelas instituições financeiras consultadas pelo Banco Central no boletim Focus, mas há prognósticos mais pessimistas, como o da Mapfre, que aponta redução de US\$ 16 bilhões na balança.

A tendência é de peso menor – em alguns cálculos, até negativo – do setor externo na variação do Produto Interno Bruto (PIB) do ano que vem. Nas contas do Santander, a contribuição da balança na atividade econômica deverá ser de apenas 0,4 ponto porcentual, enquanto nos cálculos do Itaú Unibanco o impacto é negativo, com desconto de 0,3 ponto porcentual. Em 2016, a contribuição foi de 2 pontos no cálculo do Santander e de 1,7 ponto porcentual no do Itaú. Ou seja, não fosse o setor externo, o PIB poderia, a grosso modo, encolher 5,5% em 2016, e não 3,5%, como se espera.

Apesar dos efeitos positivos, como ter aliviado o déficit das transações correntes, o salto é atribuído por analistas à crise econômica. Em 2017, com maior atividade produtiva, espera-se que as importações voltem a subir. A expectativa é de que sejam puxadas mais pelos bens intermediários do que pelos bens de consumo ou pelos investimentos em bens de capital, limitados pela ociosidade industrial.

PUBLICIDADE

“A importação de bens de capital deverá ser mais para repor do que para aumentar a capacidade de produção”, diz André Leone Mitidieri, economista da Funcex.

Entre consultorias, bancos e instituições empresariais, como a Associação de Comércio Exterior do Brasil (AEB), há consenso de que os importados voltarão a crescer não só em volume adicional sobre uma base de comparação deprimida, mas também em montante financeiro, dado o aumento nos preços de insumos, como os fertilizantes usados pelo agronegócio.

As variações previstas por economistas ouvidos pelo Broadcast, sistema de notícias em tempo real do Grupo Estado, vão de crescimento de 4%, na conta mais conservadora – feita pelo Santander – a 15%, projeção feita pela Mapfre. Dentro dessa faixa, constam ainda previsões da consultoria Rosenberg, além de Itaú e AEB.

Trump. Já o desempenho das exportações parece ser mais incerto nos cenários dos analistas por causa da eleição de Donald Trump nos Estados Unidos. A depender do que Trump decidir fazer quando chegar à Casa Branca, não são desprezíveis os estragos que, mesmo indiretamente, o Brasil poderá sofrer. Barreiras dos Estados Unidos à China, como ameaça fazer o magnata, atingiriam em cheio não apenas produtos que carregam insumos brasileiros, mas também todos os demais países que dependem do apetite por matérias-primas de um gigante que respondeu por 30% do crescimento econômico global nos últimos dez anos.

Por ora, enquanto as promessas mais radicais feitas em campanha pelo republicano são tratadas como riscos no horizonte, a maioria dos economistas mantém a aposta na primeira alta das vendas de produtos brasileiros ao exterior em seis anos.

A valorização das commodities – sobretudo minério de ferro e petróleo –, a safra recorde da soja e a perspectiva de crescimento da economia argentina são motivos que justificam o otimismo. As previsões levam ainda em conta um dólar que deve manter o padrão de competitividade deste ano, ao redor da média próxima de R\$ 3,50. Um câmbio abaixo da linha de R\$ 3,00, possibilidade que chegou a assustar exportadores em alguns meses de 2016, saiu do radar com a crise política, as incertezas no cenário externo e o aumento dos juros americanos menos gradual do que se antecipava.

Coordenador
Sergio Leite

Pesquisadores

Ademir A. Cazella, Andrey Cordeiro Ferreira,
Armando Fornazier, Catia Grisa, Claudia Job Schmitt,
Fábio Luiz Búrigo, Georges Flexor, Jorge Romano,
Karina Kato, Lauro Mattei, Leonilde Medeiros,
Nelson Delgado, Philippe Bonnal, Renato S. Maluf,
Silvia Zimmermann, Valdemar João Wesz Junior

Assistentes de Pesquisa

José Renato S. Porto

Secretária

Diva de Faria

op
pa **Observatório de Políticas**
Públicas para a Agricultura

cpda **Programa de Pós-Graduação de Ciências Sociais**
em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade
UFRRJ - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Endereço: Av. Presidente Vargas, 417 / 8º andar
Centro Rio de Janeiro - RJ CEP 20071-003

Telefone: 21 2224 8577 - r. 214

Fax: 21 2224 8577 - r. 217

Correio eletrônico: oppa@ufrj.br

Sítio eletrônico: www.ufrj.br/cpda/oppa